

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História

João Pedro Pinto Fernandes

“Profissionais do fanatismo e da ignorância!”:
O discurso anticlerical no periódico anarquista *Revista Liberal* (1921-1923)

Porto Alegre

2016

“Profissionais do fanatismo e da ignorância!”:

O discurso anticlerical no periódico anarquista *Revista Liberal* (1921-1923)

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt

Banca examinadora:

Prof^a. Dr.^a Isabel Aparecida Bilhão

Prof. Dr. Frederico Duarte Bartz

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Pinto Fernandes, João Pedro
"Profissionais do fanatismo e da ignorância!": O discurso anticlerical no periódico anarquista Revista Liberal (1921-1923) / João Pedro Pinto Fernandes. -- 2016.
85 f.

Orientador: Benito Bisso Schmidt.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em História, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Anarquismo. 2. Discurso. 3. Anticlericalismo. 4. Movimento Operário. 5. Igreja Católica. I. Bisso Schmidt, Benito, orient. II. Título.

Agradecimentos

Diversos são os nomes que deveriam estar presentes nesta página. Nomes de familiares, amigos (as), colegas de trabalho e professores (as) que me acompanharam ao longo de uma jornada extensa, cansativa e repleta de tropeços. Assim, prefiro fazer desta página uma promessa: que o agradecimento ocorra pessoalmente com demonstrações de afeto e companheirismo.

Mesmo assim dois nomes merecem uma menção explícita, pois estiveram presentes diretamente na execução do trabalho que ora apresento. De forma sucinta agradeço o apoio e a paciência do professor Benito, cuja orientação foi fundamental para a realização deste trabalho.

Por último, e certamente fundamental é o agradecimento que faço à minha companheira, Patrícia. A rainha Makeda, a costureira, a artista, a professora, mas principalmente a companheira que tanto amo. Teu apoio foi e é fundamental.

Resumo

A *Revista Liberal* circulou por cerca de três anos, entre 1921 e 1923, e tinha como objetivo a formação intelectual do operariado gaúcho. Entre os temas frequentes na revista estão a defesa da pedagogia racionalista, principalmente de Francisco Ferrer Y Guardia, e denúncias contra instituições como o Exército, o Estado e a Igreja. Mesmo com uma diversidade de temas, expostos sob formas textuais distintas, atravessando contos, desenhos, notas informativas, textos teóricos e poemas, a crítica anticlerical é uma tônica nas suas páginas. A produção deste discurso anticlerical não poderia ser deixada de lado pela historiografia e é justamente por isso que este trabalho se apresenta. Busca-se responder de que forma o discurso anticlerical é constituído neste periódico anarquista, se possui uma unidade discursiva definida e em que sentido ele se caracteriza como anticlerical. Portanto, procuro aqui examinar quais as estratégias discursivas utilizadas pelos editores da *Revista Liberal* para atacar e legitimar suas críticas ao clero e à Igreja Católica.

Palavras-Chave: Anarquismo; Discurso; Anticlericalismo; Movimento Operário; Igreja Católica.

Sumário

Introdução	5
1 - A <i>Revista Liberal</i> em seu contexto: anarquismo, anticlericalismo e catolicismo	10
1.1 - A <i>Revista Liberal</i> em perspectiva.....	10
1.2 - Anarquismo, religião e anticlericalismo.....	19
1.3 - A Igreja Católica, o ultramontanismo e o operariado.....	24
2. O ataque aos “exploradores da ignorância”: estratégias discursivas da <i>Revista Liberal</i>	29
2.1 - Editoriais.....	29
2.2 - Colaboradores locais e autores selecionados.....	47
2.3 - Notas, anedotas e citações.....	57
2.4 - Poemas e contos.....	64
2.5 - Desenhos.....	72
Considerações finais	81
Fonte e referências bibliográficas	83

Introdução

A presença anarquista no seio do movimento operário durante as primeiras décadas do século XX é um tema bastante trabalhado pela historiografia brasileira. Sindicatos, federações, jornais, escolas, clubes e outros meios de organização dos trabalhadores foram criados naquele período, e neles os militantes anarquistas faziam-se constantemente envolvidos. No caso específico do Rio Grande do Sul e sua capital, Porto Alegre, não foi diferente.

Entre as fontes possíveis para a pesquisa do movimento operário, certamente encontramos na sua imprensa um papel fundamental. De acordo com Maria Nazareth Ferreira, não é possível analisar a imprensa operária sem relacioná-la com o movimento operário, pois ambos se confundem na trajetória de lutas e organização da classe trabalhadora¹. No caso do Rio Grande do Sul, é frequente o uso dos jornais operários como fonte de pesquisa, fornecendo dados empíricos sobre instituições, militantes ou características gerais do próprio periódico - como o seu período de circulação e a que grupo político pertencia -, entretanto, seu uso enquanto objeto de análise não é tão comum.

Neste sentido é importante citar ao menos dois trabalhos. O primeiro é o de Jorge Jardim, dedicado ao estudo da imprensa operária gaúcha, e que acaba por demonstrar que, dentre outras formas de propaganda, como o folheto, o livro, o panfleto e a palavra oral, foi o jornal que deteve o papel principal de propagador de ideias e teorias de arregimentação dos trabalhadores nas três primeiras décadas do século XX². De acordo com o autor, para o caso do Rio Grande do Sul encontramos 91 títulos de jornais operários entre 1892 e 1923³, o que impressiona se considerarmos as diversas dificuldades financeiras que tais empreendimentos enfrentavam. Jardim delimita o ano de 1923 como marco final de sua pesquisa, justamente o ano em que sai de circulação, em Porto Alegre, a *Revista Liberal*, editada pelo militante anarquista Polydoro Santos. Esta revista foi estudada por Daiane de Souza Marçal no que se refere às estratégias adotadas por seus editores para sustentar suas práticas libertárias no

¹ FERREIRA, 1988, p.06.

² JARDIM, 1990, p. 26.

³ JARDIM, 1990, p.39.

campo educacional, em um período de rearticulação do movimento operário no Rio Grande do Sul⁴.

A *Revista Liberal* circulou por cerca de três anos, entre 1921 e 1923, e tinha como objetivo a formação intelectual do operariado gaúcho. Sua capa demonstra isso de maneira bem clara, quando apresenta abaixo de seu título os dizeres: “ESTUDO E CRITICA SOCIAL; LIVRE PENSAMENTO; RACIONALISMO”⁵. Entre os temas frequentes na revista estão a defesa da pedagogia racionalista, principalmente de Francisco Ferrer Y Guardia, e denúncias contra instituições como o Exército, o Estado e a Igreja. Mesmo com uma diversidade de temas, expostos sob formas textuais distintas na revista, atravessando contos, desenhos, notas informativas, textos teóricos e poemas, a crítica anticlerical é uma tônica nas suas páginas. A produção deste discurso anticlerical não poderia ser deixada de lado pela historiografia e é justamente por isso que este trabalho se apresenta. Busca-se responder de que forma o discurso anticlerical é constituído neste periódico anarquista, se possui uma unidade discursiva definida e em que sentido ele se caracteriza como anticlerical. Portanto, procuro aqui responder ao seguinte questionamento central: *quais as estratégias discursivas utilizadas pelos editores da Revista Liberal para atacar e legitimar suas críticas ao clero e à Igreja Católica?*

O periódico se mostra rico em temas passíveis de estudo e é certamente importante compreendê-los em seu conjunto, entretanto não seria possível aumentar o foco de análise em razão de tempo e espaço. Mesmo assim, quando analisamos o discurso anticlerical, sabemos que esse não se encontra isolado de outras temáticas presentes na revista, como o discurso racionalista e a defesa da ciência, afinal, estes discursos complementam-se, fazem parte de um mesmo projeto político no qual a *Revista Liberal* se insere.

Responder ao problema proposto exige algumas conceituações, que esclareço a seguir. Para configurar-se como imprensa operária, determinado veículo de comunicação necessita dirigir-se prioritariamente ao público trabalhador, apesar de que por vezes seus emissores não se enquadrem nesta classe social, mesmo que se reivindicuem como seus representantes. Porém, isto não basta para a definição. É preciso que sua temática englobe fundamentalmente

⁴ MARÇAL, 2011.

⁵ Optou-se por manter a grafia original do periódico.

os problemas das classes trabalhadoras e suas preocupações com a organização e defesa de seus interesses⁶. Para Nazareth Ferreira, “O que resulta de significativo na existência da imprensa operária é o fato de que ela estará sempre ligada a alguma forma de organização da classe trabalhadora - seja partido, sindicato ou qualquer outra espécie de agremiação”.⁷ No caso do Rio Grande do Sul, e mais especificamente de Porto Alegre, não é diferente, onde também os anarquistas estimularam a organização de sindicatos e associações de classe por meio de seus periódicos.

Por anticlericalismo compreende-se “um conjunto de ideias e comportamentos polêmicos a respeito do clero católico, do clericalismo e do confessionalismo, isto é, daquela que é considerada a tendência do poder eclesiástico a fazer sair a religião do seu âmbito para invadir e dominar o âmbito da sociedade civil e do Estado”⁸. Esta definição, que parece bastante ampla e pouco precisa, se justifica porque os discursos anticlericais possuem distinções entre si, no tempo, no espaço e na origem de quem os profere. Seus inícios remontam à Idade Média, mas é ao longo do desenvolvimento dos ideais iluministas, no contexto da Revolução Francesa e no desenrolar do século XIX, que o conceito passa a tomar contornos que correspondem às necessidades desta pesquisa. Uma postura baseada no individualismo liberal desenvolve-se com força, defendendo a separação entre Estado e Igreja, e rejeitando de forma veemente qualquer interferência da última e da religião na vida pública. O aspecto religioso é então visto como domínio do âmbito privado e suas pretensões de expansão são percebidas como antagônicas aos valores de liberdade de consciência e autonomia moral⁹. A partir desta perspectiva liberal o anticlericalismo toma contornos variados, chegando a ser visto por vezes como sinônimo de laicismo, de um lado, ou de ateísmo, por outro¹⁰. Pelo fato de ter-se tornado um fenômeno de massas nos países de origem católica, tanto europeus quanto americanos, o anticlericalismo pode ser encontrado em diversos setores da sociedade e, conseqüentemente, como acabamos de ver, tomar feições por vezes muito distintas e conflitantes entre si. Ao longo do trabalho veremos onde o anarquismo e o discurso anticlerical convergem.

⁶ JARDIM, 1990, p. 17.

⁷ FERREIRA, 1988, p.06.

⁸ VERUCCI, 2010, p.32.

⁹ VERUCCI, 2010, p.32.

¹⁰ VERUCCI, 2010, p.33.

O discurso pode ser compreendido como uma produção “ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída”.¹¹ Considerando o objeto de análise deste estudo, a *Revista Liberal*, é preciso ter claro que tudo que consta em suas páginas é resultado de escolhas e não fruto do acaso. Escolhas que passam pela definição do que é relevante ou não para a construção de seu discurso anticlerical, e que definem de que modo as notícias ocuparão os espaços de suas páginas. Como aponta Luca, o historiador que lida com periódicos está trabalhando com aquilo que “se tornou notícia”, portanto precisa identificar as “motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa”.¹²

Dentro de um discurso que procura atacar as ordens eclesiásticas e a Igreja Católica, os redatores da *Revista Liberal* estabelecem estratégias para seduzir e convencer seus leitores daquilo que consideram como verdade. Seu discurso está dentro de uma relação de poderes com outros discursos, como o da própria Igreja ou do Estado. O discurso anticlerical na *Revista* não pode ser visto apenas como aquilo que se manifesta, mas também como objeto de desejo. É preciso ser encarado como aquilo que traduz suas lutas, mas também aquilo por que e pelo que se luta¹³. Há uma disputa de poder na qual a *Revista Liberal* se dispõe a combater, mesmo que essa relação não seja simétrica frente a outras instituições.

Para determinadas vertentes da análise do discurso não existem verdades anteriores a ele. Justamente mediante o discurso é que se procura fixar sentidos e significações na arena política, ele existe porque busca conferir sentido ao real, apesar de ser uma fixação provisória, passível de mudança e desconstrução. De acordo com Céli Pinto, para a “teoria do discurso, a verdade é uma construção discursiva, afirmação que não pode ser confundida com a simplista ideia de que a verdade não existe”.¹⁴ O discurso é provisório não porque não “se chegou ao verdadeiro sentido, mas porque não há um sentido essencial anterior ao discurso”¹⁵. Deve-se levar em conta, igualmente, para a análise que aqui se pretende desenvolver, a noção de “condições de emergência” que, em poucas palavras, Pinto define como “[...] o que permite ao discurso existir, fazer sentido em um dado contexto.”¹⁶. No caso em questão, é preciso

¹¹ FOUCAULT, 2002, p. 09.

¹² LUCA, 2008, p. 140.

¹³ FOUCAULT, 2002, p.10.

¹⁴ PINTO, 2006, p.80.

¹⁵ PINTO, 2006, p 81.

¹⁶ PINTO, 2006, P.97.

entender a razão que conferia sentido à existência de um discurso anticlerical na *Revista*, já que esse emerge em um contexto no qual a separação entre Igreja e Estado já era uma realidade. É com o primeiro capítulo que buscamos trazer algumas respostas para esta questão.

O primeiro capítulo desta monografia procura situar a atuação da *Revista Liberal* no conjunto da imprensa operária no Rio Grande do Sul, expondo sua materialidade, função social e particularidades dentro de um espectro mais amplo de publicações. Será também neste espaço que as relações entre anarquismo e anticlericalismo serão definidas com mais precisão, demonstrando qual o lugar que os libertários ocuparam dentro de um processo histórico mais amplo de desenvolvimento do discurso anticlerical. Por último, faz-se necessário expor, mesmo que de maneira breve, as ações da Igreja Católica no Brasil em direção ao operariado e outros âmbitos da sociedade civil naquele contexto. Deste modo é possível compreender melhor as regras de funcionamento do discurso construído pela *Revista Liberal*.

O segundo e último capítulo procura apresentar justamente aquilo que move a existência desta monografia. Neste procuramos analisar as diferentes estratégias discursivas presentes em meio aos textos elaborados pelos editores e seus colaboradores, como também os textos extraídos de livros ou outras publicações, as notas informativas sobre o que se passava no Brasil e no mundo, os desenhos e ainda o campo literário, no qual encontramos poemas, contos e citações. Diante destas formas distintas de produção discursiva procuramos verificar a existência ou não de temas transversais no periódico e se há uma unidade discursiva.

1 - A *Revista Liberal* em seu contexto: anarquismo, anticlericalismo e catolicismo

1.1 - A *Revista Liberal* em perspectiva

Nas primeiras décadas do século XX o jornal configurou-se como o meio essencial para a circulação de ideias de organização do operariado. É também por meio desta imprensa que sujeitos, mesmo que em localidades muito distintas, teceram relações constantes, estabeleceram trocas de informações e criaram laços de solidariedade. Importante lembrar que a imprensa operária tem como objetivo central os problemas da classe trabalhadora, sua organização e a defesa de seus interesses. Por isso, constantemente vemos nas páginas de tal imprensa assuntos relativos a militantes, jornais ou organizações de classe dos locais mais variados. Jardim aponta que a imprensa operária é eminentemente um fenômeno urbano, mesmo quando se tratando de pequenas cidades¹⁷, e relacionado com o processo de industrialização e disseminação do trabalho assalariado¹⁸. Apesar de importantes, estes elementos não geram automaticamente uma imprensa operária, ou seja, um veículo que procure organizar e defender os interesses desta classe social. Nas palavras do autor,

O surgimento da imprensa operária já corresponde a um certo nível de desenvolvimento do movimento operário, pois a publicação de um jornal, mesmo que pequeno, requer pelo menos que algumas pessoas tenham adquirido consciência política em relação ao grupo social que defendem. Precisam de recursos materiais e técnicos e, acima de tudo, um público receptor que possa acolher e apoiar a publicação.¹⁹

A existência por três anos da *Revista Liberal* e as idas e vindas do *A Lanterna*²⁰, de São Paulo, por exemplo, não seriam possíveis sem a existência de um público leitor considerável. Em razão de seu caráter doutrinário e formativo, muito mais do que noticioso, os jornais operários tinham um prazo e capacidade de circulação difícil de ser precisado. Meses após sua edição, o periódico poderia ser lido e considerado atual por seu leitor. O

¹⁷ JARDIM, 1990, p.133-134.

¹⁸ JARDIM, 1990, p.137.

¹⁹ JARDIM, 1990, p.25.

²⁰ O periódico *A Lanterna* foi impresso em três momentos: 1901 - 1904, 1909 - 1916 e 1933 - 1953. Definia-se como "Anticlerical e de combate", dirigido por Benjamin Mota na sua primeira fase, e posteriormente por Edgar Leuenroth. Para mais informações ver OLIVEIRA, 2008.

mesmo não poderia ser dito sobre um exemplar do *Correio do Povo*, por exemplo, cuja tiragem já passasse de uma semana. De qualquer modo, a comunicação entre os militantes era tão grande e constante que é possível encontrar, apenas a título de ilustração, exemplares da *Revista Liberal* na redação do periódico *A Voz do Trabalhador*, da Bahia²¹, fruto do constante estabelecimento de relações entre seus editores. Como podemos ver, a imprensa operária detém uma “capacidade de disseminar informações para além de seu local de publicação”²², assim como de tecer uma ampla e complexa rede de relações entre pessoas que jamais se encontraram pessoalmente, mas comungavam de ideais e propostas em comum. Como aponta Jardim, a “redação de um jornal operário funcionava como um centro irradiador de política operária e de experiências locais e receptora das experiências exteriores. Nisso a redação e o grupo editor tornavam-se, da mesma forma que os sindicatos e os sindicalistas, agentes de mobilização e organização dos trabalhadores.”²³.

Os periódicos procuravam ocupar todos os espaços de suas páginas com formas textuais distintas. Por exemplo: na sobra de duas linhas no canto inferior esquerdo colocava-se uma frase de efeito ou um soneto para suscitar reflexões no leitor. Todo o espaço era necessário e não ocupá-lo seria um desperdício.

Na terceira página da *Revista Liberal*, em todas suas publicações, encontramos o nome de Polydoro Santos como seu diretor. Gráfico de origem, chefiou as oficinas da Livraria Globo em Porto Alegre²⁴. Editou diversos jornais operários e possivelmente a *Revista Liberal* fora o último deles. Mesmo sendo o grande responsável pela existência do periódico, Polydoro não o construiu sozinho, pois contava com colaboradores em Porto Alegre e em outras cidades do Estado. A trajetória de Polydoro merece um capítulo à parte, tamanho foi seu empenho para a consolidação do movimento operário no Rio Grande do Sul, mas limito-me aqui a refletir sobre o seu ofício, pois como afirma Petersen os “trabalhadores gráficos’ eram alfabetizados, a ‘elite letrada’ do movimento operário e quase sempre tinham prática adquirida ao trabalhar nos jornais da grande imprensa. Lideranças do movimento dos

²¹ PETERSEN, 2010, p. 125.

²² PETERSEN, 2010, p.113.

²³ JARDIM, 1990, p. 169.

²⁴ MARÇAL, 2008, p.123 - 124.

tipógrafos constituem os dirigentes ou colaboradores da maioria dos jornais desse período [...]”²⁵.

O domínio do ofício e a lida constante com informações e livros faziam de Polydoro uma grande referência para outros militantes e operários. Era alguém habituado com a leitura e não por acaso encontramos esta frase no canto inferior direito de um dos números do periódico aqui analisado: “A typographia é a cosinha do pensamento humano”.²⁶ De fato a tipografia esteve presente em toda sua vida, tanto como sustento quanto como meio de militância anarquista, e é inegável que as próprias exigências de seu trabalho lhe proporcionaram uma visão ampla e bastante informada sobre a literatura anarquista e anticlerical. Em seu projeto de emancipação social, a leitura detém um papel determinante e, para ele, a imprensa operária seria o modo mais eficaz de atingir este fim. Junto aos textos presentes no periódico encontramos recomendações de livros ou ainda a notícia da criação de uma biblioteca da revista²⁷, possibilitando o empréstimo de obras e panfletos para os leitores que os solicitassem.

Dentre os jornais operários analisados em sua pesquisa, Jardim afirma que a maioria possuía apenas quatro páginas²⁸, variando na questão de seu tamanho. Neste ponto, certamente encontramos uma particularidade na *Revista Liberal*. Seus números variaram quanto à quantidade de páginas, mantendo-se geralmente entre quatorze e dezesseis, nunca menos de doze, como nos três primeiros números. Nas edições comemorativas do 1º de Maio chegaram a ter vinte e quatro páginas em 1922 e vinte em 1923. Tamanha quantidade elucida o empenho de seus redatores, ainda mais se considerarmos que por quase toda a sua existência a revista apresentou déficit orçamentário. Ao todo sabemos da existência de vinte números publicados. Se existiram outros é difícil precisar, pois de fato sua última edição não dá nenhum indicativo de que iria acabar. Dentre os vinte números, tivemos acesso a dezoito, pois as edições nº 14 e nº 15 não foram localizadas. Mesmo assim, o ano de 1922, período de publicação destes números, presenciou a maior frequência de edições da revista. Ao total foram sete números em 1921, nove em 1922 e quatro em 1923. Em nenhum deles

²⁵ PETERSEN, 2010, p.116.

²⁶ Revista Liberal, nº 7, novembro de 1921, p.02.

²⁷ Revista Liberal, nº 5, agosto de 1921, p.14.

²⁸ JARDIM, 1990, p.143.

encontramos menção à periodicidade de suas publicações, mas presume-se que a ideia original fosse publicar mensalmente, algo jamais atingido. Sabemos apenas que as assinaturas podiam ser feitas semestralmente ou anualmente e seus valores não mudaram ao longo dos três anos de existência²⁹.

Raros foram os jornais que conseguiram manter uma gráfica própria. Por falta de equipamentos e recursos os militantes utilizavam as gráficas de outros jornais, geralmente da grande imprensa, ocasionando um gasto difícil de ser sanado a cada edição. Este problema ficava ainda maior em razão da repressão, quando seus materiais eram confiscados e seus editores presos. A *Revista Liberal* lista nas suas contas despesas com impressão, selos, carretos, clichês, comissão ao cobrador, encadernação, impressão de recibos e gastos com envelopes, papéis e tintas. Nem sempre um número apresenta os mesmo tipos de despesas. A encadernação, por exemplo, aparece em algumas situações, possivelmente quando os próprios envolvidos na produção do periódico não davam conta do trabalho. Sabemos que a companheira de Polydoro, Maria Amélia Bandeira Santos, muitas vezes tratou de encadernar e realizar as remessas da *Revista*, como consta na nota de seu falecimento.³⁰ A menção às dívidas não consta em quatro³¹ dos dezoito números a que tivemos acesso. Elas eram geradoras de constantes apelos em suas páginas para que os leitores contribuíssem e os assinantes pagassem as taxas estabelecidas. Assim, não é de surpreender que a existência de muitos jornais operários fosse curta ou irregular.

Além do pagamento avulso e das assinaturas, os editores buscavam receitas em listas de contribuição voluntária, nas contribuições da própria redação e na formação de um grupo mantenedor, cujos membros eram responsáveis pelo pagamento de uma quantia mínima. Recorreram também à rifa, à venda de folhetos, a contribuições de sindicatos e, em um caso limite, ao anúncio de uma agência lotérica que vendia bilhetes da loteria do Estado³². Não foi somente este anúncio que esteve presente nas páginas da *Revista Liberal*, mas o único que certamente pagou um valor pelo espaço do periódico. Em todos os números constam

²⁹ 4\$000 para assinatura anual, 2\$000 para assinatura semestral e \$200 para número avulso.

³⁰ *Revista Liberal*, nº 17, fevereiro de 1923, p.15.

³¹ São as edições nº 1 de fevereiro de 1921, nº 2 de abril de 1921, nº 16 de outubro de 1922 e nº 18 de abril de 1923.

³² O anúncio da lotérica aparece nas edições nº 13 de junho de 1922, nº 16 de outubro de 1922 e nº 17 de fevereiro de 1923. Antes de aparecer o anúncio na edição nº 13, a lista de receitas do periódico nunca registrou algo sobre publicidade.

anúncios, principalmente da ótica e joalheria *A Meridiana*, mas também outros como da barbearia *Salão Germinal*³³ e da alfaiataria *Sul-America*. Não há indícios de rendas provenientes desses anúncios, o que leva a crer que a troca pela propaganda fosse a venda de exemplares do periódico nestes estabelecimentos³⁴.

No cabeçalho da segunda página, logo após a capa, consta a proposta inicial de distribuir metade de sua publicação para associações operárias e liberais que a solicitassem. Após os três primeiros números, definiram que apenas dez exemplares seriam distribuídos para as associações solicitantes. Porém, mais adiante e certamente em razão das dívidas, suprimiram o aviso e muitas vezes, em seu lugar, constava apenas o endereço para pagamento de assinaturas, contribuições e reclamações.

Em todos os seus números a *Revista Liberal* traz desenhos. Fora algumas poucas edições com uma quantidade menor, o periódico apresenta geralmente de quatro a cinco desenhos³⁵, cujo tamanho e significado são bastante diferentes. Algumas são apenas retratos de indivíduos homenageados pelo periódico, como é o caso de Francisco Ferrer Y Guardia e Liev Tolstói³⁶, ou ainda de autores cujos textos são parcialmente reproduzidos - e geralmente o retrato é acompanhado de uma pequena biografia do autor. Em outros casos, os desenhos retratam algum tema histórico como o Massacre da noite de São Bartolomeu ou a Comuna de Paris³⁷. Mas também encontramos uma série de desenhos com conteúdo social e crítico, dedicados a temas como a miséria, o militarismo, o clero, a burguesia e o capital, por exemplo. Estes desenhos possuem um viés bastante contestatório e irônico. Infelizmente

³³ *Germinal* (1885) é o nome de um dos mais famosos romances do escritor francês Émile Zola (1840 – 1902). A obra tem como tema a situação dos trabalhadores nas minas de carvão na França, bem como a deflagração de uma greve e suas consequências. Considerando o conteúdo da obra literária e a própria trajetória de seu autor, é possível que o dono do salão fosse um militante ou ao menos simpático aos ideais da *Revista Liberal*. Também vendeu números da revista *Renascença* de Maria Lacerda de Moura, “uma revista feminina de propaganda racionalista, arte e estudos sociaes [...]”. Nº 17, fevereiro de 1923, p.15.

³⁴ A venda certamente ocorreu no *Salão Germinal*, como anunciado em uma de suas propagandas, no nº 8, em janeiro de 1922.

³⁵ Na contagem foi considerada a capa, local onde o desenho sempre possui um destaque maior, e desconsiderado o anúncio da ótica e joalheria *A Meridiana*, na última página. Como a imagem faz referência ao anúncio não consideramos como uma forma de expressão do discurso do periódico aqui analisado.

³⁶ Sobre Francisco Ferrer Y Guardia, ver p. 01 (capa) das edições de outubro de 1921 e 1922, respectivamente os nº 06 e 16. Outubro foi o mês em que faleceu o pedagogo catalão em virtude da perseguição católica e do Estado. Sobre Liev Tolstói, ver *Revista Liberal*, nº 18, abril de 1923, p.01 (capa).

³⁷ Massacre da Noite de São Bartolomeu, ver *Revista Liberal*, nº 05, agosto de 1921, p. 01 (capa). Comuna de Paris, ver *Revista Liberal*, nº 02, abril de 1921, p. 04 (infelizmente imagem muito deteriorada).

alguns se encontram bastante deteriorados, impossibilitando uma análise mais clara de seus detalhes ou ainda dificultando um possível reconhecimento da assinatura do artista³⁸.

Já no primeiro número a *Revista* procura expor aos leitores a que veio e o que pretende realizar:

A REVISTA LIBERAL quer, pois, em nosso meio e, principalmente, entre os trabalhadores, tornar-se o eco dessa evolução, o vehiculo das ideias que agitam os povos, a palavra que dispertem [sic] as intelligencias para o estudo das questões sociaes, o orgam que diga que o trabalhador não tem só braços para trabalhar: possui igualmente um cerebro que pensa e raciocina.

A REVISTA LIBERAL combaterá, com o desassombro que lhe dá a sua convicção, todas as ideias politicas, philosophicas ou economicas que de alguma maneira baseie o seu triumpho na exploração da ignorancia do povo, no cerceamento das iniciativas ou na limitação da liberdade de pensar.³⁹

Sem dúvida, a menção às ideias que se baseiam na exploração da ignorância refere-se, principalmente, às oriundas da Igreja Católica. O periódico trata de forma incansável sobre a educação e sua proposta de ensino racionalista, demonstrando em contrapartida os malefícios de uma formação baseada no dogmatismo, na obediência e na negação dos progressos da ciência. Não é por acaso que logo a seguir, depois de expor seus objetivos, a *Revista* faz sua defesa da ciência:

A MORAL DA SCIENCIA

A sciencia é a verdadeira escola moral, ella ensina ao homem o amor e o respeito, sem a qual a esperança é uma chimera. A sciencia ensina ao homem a idéa do dever e a necessidade do trabalho, não como castigo, ao contrario, como o mais alevantado modo da nossa actividade. É á sciencia que se deve a ideia da solidariedade dos homens de uns para com os outros.

Portanto, não proclamemos dogmas infalliveis, que marquem pontos de parada do progresso humano, porque a é sciencia successiva, não sendo os sabios mais do que representantes ephemeros de cada época.

³⁸ O periódico não cita o nome dos autores dos desenhos, mesmo que em alguns casos existam assinaturas. Infelizmente não consegui identificar os nomes. As únicas referências nas ilustrações feitas pelos editores são aquelas retiradas do periódico *Lúcifer* (1907 - 1911, Porto Alegre).

³⁹ Revista Liberal, nº 01, fevereiro de 1921, p. 04.

A sciencia se constitue por uma serie de progressos, de desenvolvimentos successivos; ella é como Pascal dizia da humanidade, semelhante a um homem que vive sempre, e accrescentarei eu, que se remoça sempre.

M. Berthelot⁴⁰

A despeito de considerações sobre a base científicista e evolucionista das ideias defendidas no trecho, algo que poderia gerar uma análise e reflexão que ultrapassam os objetivos deste trabalho, é interessante notar como o texto “editorial” da *Revista* é complementado logo a seguir por outro selecionado por seus editores (o de Berthelot). Em um primeiro momento, se busca deixar claro que o periódico tem como objetivo ser um “veículo das ideias”, “principalmente entre os trabalhadores”, para depois relacionar a ciência com a visão do trabalho enquanto uma nobre atividade e não um castigo. Educação, moral, ciência, progresso e evolução são elementos que se fundem na ideia de que o trabalhador possui “um cérebro que pensa e raciocina” e precisa disso para se emancipar.

O objetivo de formar sujeitos pensantes exigiu dos redatores uma articulação de temas e textos muitos variados. Nesse sentido, procuraram expor autores europeus ou brasileiros que realizaram panoramas da situação mundial e nacional, como também pensadores da teoria e prática anarquistas. Textos sobre a organização do operariado, a educação racionalista, a ciência e a razão como elementos fundamentais no processo educativo e na prática política, a denúncia da guerra e do militarismo das nações e do Estado, e também a constante e ininterrupta crítica às instituições religiosas, que na prática resume-se principalmente às ações da Igreja Católica, definem o denso conteúdo presente no periódico ora analisado. Entre os temas abordados, o discurso anticlerical se destaca consideravelmente, sendo encontrado em todos os seus números assuntos variados pertinentes à ação da Igreja Católica.

No que se refere ao contexto em que a *Revista Liberal* fora editada, o movimento operário encontrava-se em um período de descenso das mobilizações grevistas e reivindicatórias no Rio Grande do Sul, e no caso dos anarquistas, esses se encontravam em uma situação desfavorável para o desenvolvimento de suas ações. O intenso período de greves, entre 1917 e 1920, gerou uma considerável reação por parte do Estado frente aos

⁴⁰ Revista Liberal, nº 01, fevereiro de 1921, p. 04. Marcellin Berthelot (1827 - 1907) foi um cientista, professor e político francês. Como senador atuou em questões relativas à educação.

operários e suas associações. Enquanto em outras localidades do Brasil, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, a repressão se demonstrara muito forte já em 1917, no Rio Grande do Sul, e mais especificamente em Porto Alegre, é no ano de 1919 que as forças repressivas passaram a atuar com mais firmeza, perseguindo e prendendo lideranças e invadindo sedes de associações operárias⁴¹. Esse foi o caso do Sindicato da Força e Luz, da União Metalúrgica e da FORGS, quando os efetivos da Brigada Militar ocuparam suas sedes⁴². Confrontos entre “brigadianos” e grevistas foram frequentes, gerando a morte de um popular e um saldo de diversos feridos⁴³. Ocorreu também uma forte perseguição a estrangeiros, associados pelo discurso oficial à desordem. Borges de Medeiros, então presidente do Estado do Rio Grande do Sul, oscilava entre uma atuação repressiva e bastante violenta, por um lado, e uma ação de cooptação e aproximação com operários organizados, de outro. As tentativas de incorporação do proletariado foram visíveis principalmente em 1917, quando Borges de Medeiros mostrara-se simpático a algumas reivindicações dos grevistas, fomentando a gestação de um grupo pró-PRR no seio da FORGS⁴⁴. Mas mesmo assim conflitos entre forças do Estado e grevistas foram frequentes neste mesmo ano. De acordo com Sílvia Petersen, “apesar dos esforços feitos depois de 1917 e durante os anos 20 para desenvolver novas formas de controle alternativas à violência [...], continuava a prevalecer o aperfeiçoamento da repressão”⁴⁵ por parte do Estado e da burguesia.

As dificuldades do movimento operário e dos anarquistas não se referiam apenas às ações de repressão do governo do Estado ou dos municípios. Internamente o movimento operário encontrava-se em um momento de pulverização de correntes políticas e ideológicas. Já vimos que cada vez mais se desenvolvia um grupo interessado na aproximação com o PRR, encabeçado pelo militante Francisco Xavier da Costa⁴⁶. Em razão das eleições nacionais para presidência da República, surgiu um Partido Operário no começo de 1919⁴⁷, atrelado à figura de Ruy Barbosa, candidato que disputava o cargo contra Epitácio Pessoa. Dentro das correntes revolucionárias e socialistas ocorreu uma forte divisão que culminou em 1922 na

⁴¹ SILVA Jr, 1996, p. 23.

⁴² PETERSEN, 2001, p. 363.

⁴³ PETERSEN, 2001, p. 363.

⁴⁴ SILVA Jr., 1996, p. 21.

⁴⁵ PETERSEN, 2001, p. 324.

⁴⁶ Para mais informações sobre o militante socialista ver SCHMIDT, 2004.

⁴⁷ PETERSEN, 2001, p. 325.

fundação do PCB. Este processo vinha ocorrendo paulatinamente desde que as primeiras informações sobre a Revolução Russa chegaram ao Brasil. No caso do Rio Grande do Sul, já existia, desde 1918, a chamada União Maximalista, grupo pró-soviético criado por Abílio de Nequete⁴⁸, que contrastava e disputava com os anarquistas⁴⁹ as organizações operárias e as mobilizações paredistas.

Como aponta Daiane Marçal, o surgimento da *Revista Liberal* está relacionado com um processo de rearticulação do movimento operário gaúcho na década de 1920, ou ao menos da sua vertente sindicalista⁵⁰. O II Congresso Operário do Rio Grande do Sul, realizado em Porto Alegre entre 21 e 25 de março de 1920, sob orientação anarquista, aprovou uma declaração de princípios cuja missão era

educar espiritualmente as massas e congregá-las nas organizações econômicas de combate, para conduzi-las, por meio da ação econômica direta, que tem sua expressão mais elevada na greve social, para a luta que se há de travar pela libertação da humanidade do jugo da servidão e do moderno Estado dividido em classes.⁵¹

De acordo com Daiane Marçal,

Partindo do pressuposto de que, no movimento anarquista, a educação é uma das principais formas de ação direta para a transformação da sociedade, podemos deduzir, a partir do documento citado [declaração de princípios], uma relação entre o que foi discutido no referido Congresso e o surgimento da *Revista Liberal* no ano seguinte. Se, de forma geral, a imprensa operária atua diretamente na organização, politização e mobilização dos trabalhadores, a *Revista Liberal* surgiu na direção desses objetivos, embora seu foco recaísse sobre a ação pedagógica. Assim, enquanto os demais periódicos operários, como *O Syndicalista*, assumiam como

⁴⁸ Para mais informações sobre Abílio de Nequete ver BARTZ, 2008a.

⁴⁹ As posições dos anarquistas quanto à Revolução Russa oscilaram bastante ao longo do tempo. No começo alguns grupos libertários mostravam-se entusiastas enquanto outros detinham uma postura mais cautelosa. Posteriormente há uma divisão mais clara entre aqueles que tomam a defesa das ações leninistas, abandonando o anarquismo em prol de um partido revolucionário, e os que viam no sindicalismo revolucionário o caminho para a emancipação social. Para mais informações ver OLIVEIRA, 2009; e BARTZ, 2008b.

⁵⁰ Ver MARÇAL, 2011, especialmente o subcapítulo Cap. 2.2, “A *Revista Liberal* e o projeto de reorganização do movimento operário”. p. 30-34.

⁵¹ PETERSEN; LUCAS, 1992, p. 233.

objetivo principal fomentar a organização dos trabalhadores em torno dos sindicatos, a *Revista Liberal* tinha na formação dos sujeitos sua maior preocupação.⁵²

Portanto, levando em consideração o contexto difícil pelo qual passavam os libertários e a relação que Marçal faz entre as decisões tomadas pelo Congresso Operário e os objetivos da *Revista Liberal*, é que buscamos analisar o discurso anticlerical presente neste periódico. Sem examinar tais elementos fica difícil compreender as motivações para a existência de uma revista com características tão particulares quando colocada em contraste com outros jornais operários que circulavam naquele contexto, ou ainda no passado recente destes mesmos militantes e editores.

Como recurso de análise faz-se necessário ainda uma digressão, mesmo que breve, sobre as relações históricas entre o anticlericalismo – que como vimos anteriormente é um fenômeno histórico bastante amplo e diverso – e o anarquismo. É o que procuraremos fazer logo a seguir.

1.2 - Anarquismo, religião e anticlericalismo

Mesmo que do ponto de vista analítico o presente estudo tenha como foco o discurso anticlerical, é importante reiterar, como dito anteriormente, que a crítica e o combate à Igreja não podem ser dissociados de um projeto político mais amplo por parte dos editores da *Revista Liberal*. No seu discurso há uma mescla constante entre a postura anticlerical, a defesa da ciência e da razão e um projeto de educação racionalista, fora da alçada da Igreja e do Estado.

De fato, no imenso e heterogêneo campo das ideias anarquistas, cuja análise foge da capacidade deste trabalho, a razão detém um papel central na formação de um indivíduo soberano e na transformação da sociedade. Os anarquistas, na esteira dos ideais iluministas e revolucionários do século XIX, veem a ação da Igreja como uma instituição que se opõe à razão como recurso para a dominação. De acordo com os anarquistas, a Igreja funciona como

⁵² MARÇAL, 2011, p. 31.

uma instituição difusora de uma ideologia conformista, que prega a submissão e transfere para além do mundo terreno a justiça e a igualdade entre os homens. Capitalismo, Estado e Igreja andariam de mãos dadas, reforçando um ao outro na exploração e controle do trabalhador. De acordo com George Woodcock, ao tratar da tática da ação direta, os anarquistas,

[...] por mais que possam divergir sobre questões tais como o emprego ou não da violência, a ação da massa contra a ação individual – o fato é que todas [estas formas de luta] são baseadas em decisões pessoais diretas. O indivíduo participa voluntariamente de uma greve geral, por sua livre e espontânea vontade, torna-se membro da comunidade; ou se recusa a prestar o serviço militar ou participa de uma rebelião. Não há coerção nem delegação de responsabilidades – o indivíduo vai ou vem, age ou deixa de agir segundo suas conveniências. É verdade que a imagem anarquista de revolução assume com frequência a forma de uma revolta espontânea do povo; mas o povo não é visto como uma massa, no sentido marxista, mas como uma coleção de indivíduos soberanos, cada um dos quais deve decidir sozinho se quer ou não agir.⁵³

A existência deste indivíduo soberano seria impossível, na visão dos anarquistas, com a influência das ideias clericais na sociedade. A interferência nos espaços públicos de símbolos e liturgias católicas, a atuação nas escolas, dividindo o monopólio do saber formal com o Estado, e a explícita pregação religiosa para além da sua alçada se constituiriam em uma afronta à liberdade individual de cada sujeito. Vejamos...

a) Luta contra os padres, para mostrar as contradições da sua vida com a sua doutrina, o seu sacerdócio como profissão, tendo o interesse material por base [...];
b) Discussão filosófica e histórica dos dogmas e mitos, isto é, o anti-religiosismo, luta contra a base teórica da Igreja; c) Luta contra a influência política da Igreja – pela acção direta, pela propaganda extra parlamentar; d) Propaganda para mostrar o poder econômico da Igreja, a Igreja como empresa, como auxiliar da exploração capitalista, como divisora do proletariado, fatora do crumirismo.⁵⁴

É desta forma que o periódico *A Lanterna* apresenta sua visão em relação à Igreja. Vemos aqui que o combate à instituição religiosa inclui, por parte do jornal, o questionamento da própria religião – ao menos aquela professada de forma institucionalizada – e não somente o poder temporal da Igreja. Mas é preciso frisar que a religiosidade não é necessariamente

⁵³ WOODCOCK, 2002, p. 35.

⁵⁴ "O nosso anticlericalismo", *A Lanterna*, 08 de março de 1913, p. 01 *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 48.

alvo dos anarquistas. Mesmo que parte considerável dos militantes anarquistas adote o ateísmo, a negação da existência de Deus ou o combate aos pressupostos cristãos não são elementos obrigatórios em seu discurso anticlerical. O que vemos como elo comum entre eles é a busca por acabar com a Igreja, principalmente a católica, e não necessariamente com a religião - embora muitos militem neste sentido. O anarquismo, dentre outros elementos, tem como eixo fundamental o antiautoritarismo e assim busca colocar um fim a qualquer tipo de dominação, como a da Igreja e a do Estado.

O anticlericalismo se expressou no Brasil, assim como em outros países, por meio de grupos e sujeitos com visões políticas e ideológicas bastante distintas, e com graus variados de crítica quanto à atuação do clero e da Igreja. Entre tantos grupos, podemos citar anarquistas, positivistas, republicanos, liberais, maçons e livres-pensadores como exemplos. No âmbito da cristandade, protestantes e católicos também criticavam as ações e interferências do Vaticano no âmbito do Estado e da sociedade civil.

Para alguns desses grupos, a investigação científica tornou-se um dos alicerces de seus projetos políticos, colocando de alguma forma a Igreja e suas ações como obstáculos ao desenvolvimento dos métodos científicos e sua aberta divulgação. Nada surpreendente em um contexto de difusão do cientificismo e de crença na razão e no evolucionismo, quando parte considerável da intelectualidade no Brasil lia intensamente as obras de Darwin, Lamarck, Spencer e Comte, por exemplo. Portanto, em meio a um contexto de proliferação da pequena imprensa, operária ou não, presenciamos uma intensa troca de informações e literatura entre tais grupos.

Certamente esses grupos divergiam imensamente em diversos aspectos, quiçá em sua maioria, mas acabavam por encontrar em alguns temas, como a defesa da ciência e o anticlericalismo, pontos em comum. Como demonstraremos mais adiante, os editores da *Revista Liberal* conheciam a trajetória de boa parte desses grupos, teciam relações com alguns e tinham conhecimento de uma gama considerável de intelectuais críticos à Igreja Católica tanto no Brasil como na Europa, e não titubeavam em citá-los em suas páginas.

Como aponta Adelaide Gonçalves, tratando da imprensa libertária no Ceará, o

[...] anticlericalismo era desde o século XIX um componente básico do discurso libertário, sendo os textos de Bakunin e Faure, ao lado de outros, como os de Emílio Bossi, uma referência para os livres-pensadores da época. Alguns dos quais se aproximaram do anarquismo justamente pela afinidade com esse discurso libertário anticlerical.⁵⁵

A afirmação de Gonçalves parece reforçar o que vem sendo exposto até aqui. Essa troca de informações e literatura não ocorria somente dentro da imprensa operária, mas também desta com outros periódicos com objetivos distintos, pois muitas vezes os temas eram semelhantes mesmo que muitas vezes destoassem no grau de radicalidade sobre o tema. Esta aproximação ocorreu principalmente entre libertários e livres-pensadores.

Estas considerações sobre anticlericalismo, cientificismo e intelectualidade podem levar a um erro que é preciso evitar. Nem todo entusiasta do cientificismo detém uma postura anticlerical, assim como nem todo crítico à atuação do clero se espelha na ciência e na razão como seu contraponto. Apesar disso, podemos afirmar que ocorreu uma interação considerável entre tais elementos no meio da intelectualidade brasileira da época estudada, e, com certeza, nas páginas da *Revista Liberal*, a razão, a ciência e o anticlericalismo são praticamente indissociáveis.

Sobre as práticas anticlericais, considerando aqui as ações de grupos variados e não apenas dos anarquistas, é importante salientar algumas distinções. De acordo com a antropóloga Joyce Riegelhaupt, “é preciso distinguir as atitudes e atuações negativas dirigidas contra a Igreja institucional e, por extensão, contra os seus agentes (o clero regular e secular) das atitudes negativas que incidem diretamente sobre a posição do padre.”⁵⁶. A autora estabelece também algumas diferenças dentro destes dois grupos de ações, que exponho a seguir.

Por um lado, nas críticas direcionadas ao clero com vistas a atingir a instituição, pode-se distinguir uma ação que toma contornos antirreligiosos de uma ação contra o poder político e econômico da Igreja Católica no âmbito civil, ou seja, seu poder temporal. Esta é chamada por Riegelhaupt de atitude “anti-Igreja” em contraste com a primeira, “anti-religião”. As ações antirreligiosas tendem a somar às críticas do poder temporal a ideia de que o clero e a

⁵⁵ GONÇALVES, 2003, p. 83.

⁵⁶ RIEGELHAUPT, 1982, p. 1215-1216.

Igreja são propagadores de uma ideologia perniciososa. Do outro lado, há uma manifestação anticlerical que se destina ao comportamento dos padres especificamente. Pode ser uma crítica às ações políticas e econômicas dos clérigos ou em relação à forma como esses desempenham seus deveres religiosos. Por mais que possam ocorrer associações entre a atuação dos religiosos e sua função dentro da instituição eclesiástica, tais críticas não colocam em questão a religião ou a instituição Igreja em si. A autora, utilizando conceitos de José Cutileiro, define as críticas aos padres em assuntos temporais como “anticlericalismo secular”, enquanto que aos seus deveres religiosos como “anticlericalismo dos devotos”⁵⁷.

A título de reforço dessa distinção, cabe aqui citar mais um autor que, apesar de não fazer uma separação tão criteriosa como a antropóloga, segue um raciocínio em parte semelhante. De acordo com Ricardo Luiz de Souza,

É preciso, por sua vez, distinguirmos entre o anticlericalismo que definiu como nocivo o papel desempenhado pela Igreja como instituição na sociedade brasileira e as críticas ao comportamento do clero, críticas estas que não visavam à instituição hierárquica e partiram, muitas vezes, do interior da própria instituição; foram feitas, em síntese, pelos próprios sacerdotes.⁵⁸

Afirmo a semelhança “em parte”, porque o autor não entra em tantos detalhes como Riegelhaupt, mas em contrapartida insere a ação dos próprios clérigos como um elemento importante na análise das manifestações anticlericais no Brasil.

A *Revista Liberal* sem dúvida alguma se insere no primeiro conjunto de preocupações citado pela antropóloga norte-americana, ou seja, aquele que engloba as críticas à Igreja Católica e ao clero enquanto instituição. Mas quando entramos mais a fundo nas características dos discursos do periódico, as conclusões tornam-se mais nebulosas. É difícil distinguir o anticlericalismo tão somente voltado ao poder político e econômico da Igreja Católica do anticlericalismo que, além dessas questões, vê os dogmas e a religião de tal instituição como um problema. De qualquer forma, acredito que é mais cabível uma definição dentro do campo antirreligioso, pois se a liturgia, a opulência e principalmente os dogmas

⁵⁷ RIEGELHAUPT, 1982, p. 1216. A autora desenvolve o seu estudo de caso relacionado com o anticlericalismo que atinge os padres, portanto o segundo grupo de críticas citado por ela. Na sua investigação as ações anticlericais são realizadas por cristãos católicos.

⁵⁸ SOUZA, 2005, p. 183.

católicos são vistos como detestáveis, muitas vezes eles são apresentados junto a uma crítica da interferência do clero nas instituições e esferas do poder público, e isso com a conivência de políticos e estadistas. Importante lembrar que Riegelhaupt, quando fala em “anti-religião”, se refere à crítica da religiosidade católica e não da religião de modo mais amplo. Como reforço desta concepção, encontramos por vezes artigos que distinguem o que seriam os “verdadeiros preceitos” do cristianismo de um lado e o catolicismo de outro.

Entretanto, a religião de modo geral, e não apenas o cristianismo ou o catolicismo, também não passou impune pelas páginas do periódico e, por vezes, encontramos críticas contundentes neste sentido. Interessante notar que nesse caso há artigos assinados pelo próprio Polydoro Santos, o que indica um importante elemento a ser considerado, pois foge de ambas as definições expostas acima, de Souza e Riegelhaupt, e passa a aproximar-se mais de um possível ateísmo, convergindo com a conceituação feita anteriormente por Verucci, quando afirma que o anticlericalismo por vezes é visto como sinônimo de uma descrença na existência de Deus. De qualquer forma, é preciso levar em conta dois elementos: Polydoro Santos assina somente dois textos nesse sentido e um deles está possivelmente relacionado à guerra civil que ocorria no Rio Grande do Sul ao longo de 1923; apesar das críticas à religiosidade, os editores estavam imersos em uma sociedade predominantemente cristã e católica e, quando falavam em religião, muitas vezes referiam-se àquilo que estavam acostumados a viver e com o qual se encontravam diretamente envolvidos. Portanto, torna-se difícil saber se o autor examinado fala em religião de forma mais ampla ou se por religião compreende especificamente o cristianismo e o catolicismo. Essas discussões serão retomadas posteriormente, quando analisarmos mais detidamente os discursos da *Revista Liberal*.

Feitas estas considerações, cabe agora compreender o processo que ocorria dentro da Igreja Católica no Brasil e no mundo no período examinado. Para isso, faço a seguir uma breve digressão sobre seus conflitos internos e a respeito de suas ações diante do advento da modernidade e do crescimento constante do movimento operário.

1.3 - A Igreja Católica, o ultramontanismo e o operariado

Analisar o discurso anticlerical da *Revista Liberal* exige uma compreensão, mesmo que genérica, de alguns pontos nodais da história da Igreja Católica no decorrer do século XIX e início do XX, especialmente no Brasil. Caso contrário, o denso conteúdo presente no periódico pode carecer de sentido ao não ficar claro a quem se dirigia o enunciador ou que conjunto de ideias e ações ele criticava.

Em um primeiro momento, ao verificar que com o advento da República ocorreu a separação entre a Igreja e o Estado, podemos imaginar que o clero no Brasil ficara bastante preocupado. Em parte é verdade. Naquele momento houve um avanço de medidas laicizantes que cerceavam a esfera de atuação da Igreja Católica no âmbito civil⁵⁹. Entretanto, o novo modelo político também possibilitava certa liberdade de ação à instituição, pois a partir de então a Igreja pôde atuar sem as obrigações e controles do poder estatal, como ocorria na Monarquia. Mas que controles eram estes?

O controle da Igreja pela Monarquia deu-se principalmente através da instituição do padroado, que, por sua vez, possui relações próximas com o galicanismo⁶⁰. O padroado era uma concessão feita pelo papa ao monarca. Assim, o rei passava a ter o poder de recolher dízimos e nomear bispos, e, no caso de Portugal e Espanha, ambos os reinos detinham poderes sobre os negócios da Igreja no Novo Mundo. Os imperadores brasileiros, como herdeiros diretos da casa de Bragança, assumiram o controle sobre a Igreja Católica no Brasil⁶¹. Ocorre que, no caso brasileiro, a prática do padroado atingiu patamares maiores do

⁵⁹ Entre as medidas encontramos o fim do direito de Padroado, a secularização dos cemitérios, a proibição do ensino religioso nas escolas públicas e o casamento civil.

⁶⁰ “Galicanismo é um termo que descreve várias teorias desenvolvidas na França concernentes às relações da Igreja Católica francesa, assim como do Estado francês, com o papado. Do ponto de vista religioso, o galicanismo significava que a Igreja e o Clero franceses se outorgavam direitos próprios, independentes de Roma. Do ponto de vista do Estado, os reis franceses afirmavam ter recebido seus poderes diretamente de Deus, em que seus poderes temporais estavam fora da jurisdição papal. Essas teorias foram desenvolvidas contra as pretensões teocráticas dos papas da idade média. Pelos idos da Reforma, essas teorias foram incorporadas na ‘Declaração do Clero Francês’ da autoria do Bispo Jacques Benigne Bossuet (1627-1682), publicado em 1682.

O Clero francês, em suma, declarou em 1682 que o poder temporal dos reis era independente do papado, que as antigas liberdades da Igreja Católica francesa eram sagradas, que o Conselho Geral estava acima do papa, e que a autoridade do ensino infalível da Igreja pertencia aos bispos e ao papa conjuntamente. Bem ligado ao galicanismo estava o conceito de ‘padroado’, isto é, o direito do rei de recolher dízimos e nomear os bispos.” VIEIRA, 1980, p. 28.

⁶¹ VIEIRA, 1980, p.28.

que qualquer papa havia concedido⁶². O controle sobre a Igreja no país era tamanho, que o clero era conhecido pela sua grande subserviência ao governo em troca de cargos públicos; os sacerdotes eram igualmente tidos como ignorantes e desconectados de suas funções espirituais, violadores do celibato e pagos pelo Estado. Toda a hierarquia eclesiástica no Brasil era sustentada pelo Estado, desde o maior ao menor cargo⁶³.

Ocorre que, no contexto do Brasil imperial, paulatinamente, o lado mais conservador da Igreja Católica passou a retomar espaços ao longo do século XIX e lutar ferrenhamente para mudar a relação entre Igreja e Estado, assim como a hierarquia eclesiástica e sua formação espiritual e intelectual.

No âmbito internacional, sob o papado de Pio IX (1846 - 1878), a Igreja Católica começou a tomar uma série de ações no sentido de combater o que via como excessos da Revolução Francesa e o avanço dos ideais liberais pelo mundo cristão. Articulado com este movimento ocorre outro processo, esse interno à instituição, quando a vertente do papa, o ultramontanismo, buscou combater o jansenismo⁶⁴ e o galicanismo, cuja influência era muito grande no clero brasileiro. Esta reação ultramontana ocorreu tanto na Europa como no continente americano. Conforme Vieira,

Essa reação católica tinha se caracterizado pela reafirmação do escolasticismo, pelo restabelecimento da Sociedade de Jesus (1814) e por uma série de encíclicas, bulas, alocuções e constituições que foram fulminantemente lançadas contra o que a Igreja considerava serem elementos errôneos e tendências perigosas dentro da religião e da sociedade civil. Esses escritos culminaram em 1864 com a Encíclica *Quanta Cura* e o “Sílabo dos Erros”, anexo à mesma. Portanto, a grosso modo, pode-se dizer que o ultramontanismo do século XIX colocou-se, não apenas numa posição a favor de uma maior concentração do poder eclesiástico nas mãos do papado, mas também

⁶² VIEIRA, 1980, p.29.

⁶³ VIEIRA, 1980, p.27.

⁶⁴ Reforma proposta pelo Bispo de Ypres, Fleming Cornelius Otto Jansen (1563-1638). Dentre as suas propostas consta o interesse em mudar a teologia do tomismo para o augustinismo. De acordo com Vieira, Jansen “Acreditava [...] que o homem era irremediavelmente dependente de Deus e, a despeito de quantas boas ações tivesse praticado, ainda assim não alcançava justificação. A justificação era um processo gradual que requeria uma relação pessoal entre homem e Deus. O processo de crescimento para conhecer a Deus, de acordo com Jansen, exigia, entre outras coisas, a leitura diária da Bíblia. No entanto, porque Jansen também acreditava na sucessão apostólica, sustentava que esta relação íntima entre o homem e o Criador só podia ser obtida por meio da Igreja Católica.” VIEIRA, 1980, p.29. O jansenismo se opôs ao jesuitismo com veemência e teve muita força em Portugal (principalmente com Marquês de Pombal) e no Brasil. Os jansenistas portugueses desejavam reformar a Igreja, mas não queriam uma separação de Roma: “Para eles era suficiente controlar a Igreja nacional, defendendo o direito do rei de conceder o placet (isto é, o direito de aceitar ou rejeitar todas as bulas e encíclicas) [...]”. VIEIRA, 1980, p.30.

contra uma série de coisas que eram consideradas erradas e perigosas para a Igreja. Entre esses “perigos” estavam o galicanismo, o jansenismo, todos os tipos de liberalismo, o protestantismo, a maçonaria, o deísmo, o racionalismo, o socialismo e certas medidas liberais propostas pelo estado civil, tais como a liberdade de religião, o casamento civil, a liberdade de imprensa e outras mais.⁶⁵

Já em 1846, no ano de sua entronização, Pio IX publicou a encíclica *Qui Pluribus*. Nela, como aponta Isabel Bilhão, “a Igreja manifestava-se contra as concepções racionalistas e anticlericais, afirmava que as questões sociais, políticas e econômicas estariam unidas às religiosas, [e] definia as correntes defensoras das liberdades de culto e pensamento como inimigas [...]”⁶⁶. Com o Concílio Vaticano I, entre 1869 e 1870, é estabelecida a infabilidade do papa em assuntos da ética e da fé.

Estas ações visivelmente buscavam situar a Igreja Católica no advento da modernidade, a qual ela condenava enfaticamente. Se nas primeiras décadas do século XIX os seminários eram dominados pelos jansenistas, o escolasticismo se mostrava praticamente inexistente e o ultramontanismo não encontrava um campo fértil no Brasil, pela década de 1870, ao contrário, essa última corrente de pensamento dominava o clero brasileiro e, paradoxalmente, D. Pedro II prestava auxílios neste sentido ao enviar seminaristas para a Europa, desejoso de um clero mais educado na ortodoxia cristã.⁶⁷ Esses voltaram ferrenhamente ultramontanos e logo ocuparam os cargos mais importantes na Igreja. Com toda a tensão gerada entre esse clero reformado e a monarquia, cujo ápice foi o desenrolar da Questão Religiosa na década de 1870, não é de se estranhar o alívio que sentiram ao ver definitivamente liquidada a dependência da Igreja ao Estado com a chegada da República. A subordinação estava resolvida, mas a relação dessa instituição religiosa com a sociedade e seus problemas sociais ainda precisava ser definida.

Quase na virada para o século XX presenciamos ações da Igreja Católica no sentido de reconhecer a existência de uma questão social e sua conexão com o desenvolvimento do capitalismo. Assim, “parte dos pensadores católicos passou, por um lado, a reconhecer os problemas econômicos e sociais e, por outro, a condenar a luta de classes como caminho para

⁶⁵ VIEIRA, 1980, p. 32-33, grifo do autor.

⁶⁶ BILHÃO, 2015, p.145.

⁶⁷ VIEIRA, 1980, p.38.

sua solução”.⁶⁸ Bilhão demonstra esta linha de pensamento através da análise da encíclica *Rerum Novarum* (1891), publicada pelo papa Leão XIII (1878 - 1903). Tal documento defende o direito à propriedade privada e a harmonia entre as classes sociais, apontando o corporativismo como solução⁶⁹. Evidencia também a visão da Igreja Católica como uma instituição reguladora, definindo os papéis a serem desempenhados pelos trabalhadores e pelos patrões. Segundo a Encíclica, o trabalhador

deve fornecer integralmente e fielmente todo o trabalho a que se comprometeu por contrato livre e conforme a equidade; não deve lesar o seu patrão, nem nos seus bens, nem na sua pessoa; as suas reivindicações devem ser isentas de violências, e deve fugir dos homens perversos que, nos seus discursos artificiosos, lhe sugerem esperanças exageradas e lhe fazem grandes promessas, as quais só conduzem a estéreis pesares e à ruína das fortunas.⁷⁰

Se a Igreja via as ações dos “homens perversos” como um problema, era preciso combatê-los onde mais atuavam: nas organizações operárias. Assim, como um contraponto, o clero brasileiro incentivava a criação de centros operários católicos, que

partiam do pressuposto de que o combate aos problemas sociais e a solução da questão social não estava no uso de métodos violentos, nem de movimentos paredistas, mas sim na orientação dada pela Igreja, com as classes sociais se empenhando para dar a melhor solução possível à questão operária. A teoria de que o homem deve aceitar com paciência sua condição rebatia a tese de uma igualdade social e econômica proposta pelos socialistas.⁷¹

Conforme aponta Isabel Bilhão, é preciso compreender essas ações da Igreja Católica como partes de um projeto teológico-político, através do qual a instituição buscou incorporar os problemas do temporal às suas tradições doutrinárias.⁷² Este breve levantamento sobre o tortuoso percurso seguido pela instituição no contexto aqui analisado demonstra que suas

⁶⁸ BILHÃO, 2015, p.145.

⁶⁹ BILHÃO, 2015, p. 145.

⁷⁰ *Rerum Novarum*, 1941, p. 14 *apud* BILHÃO, 2015, p, 146.

⁷¹ MARCHI, “A Igreja e a questão social: O discurso e a práxis do catolicismo no Brasil (1850-1915)”, 1989, p. 246, *apud* OLIVEIRA, 2008, p.51.

⁷² BILHÃO, 2015, p.147.

ações, quando endereçadas aos operários, no âmbito da educação⁷³ ou mesmo nos órgãos organizativos⁷⁴, não estavam desconectadas de um processo mais amplo no qual as grandes transformações do século XIX geraram marcas profundas e muitas vezes irreparáveis em sua estrutura. Preocupados com a fragilidade da instituição que era atacada por diversos setores da sociedade, sendo alvo de ojeriza e raiva, seus dirigentes buscaram traçar soluções para um novo tempo, mesmo que muitas vezes buscando no passado as referências para solucionar seus desafios.

De outro lado, conscientes dessas ações e contemporâneos dos processos pelos quais a Igreja passava, os militantes libertários da *Revista Liberal* buscaram implementar modos de combatê-la e propor outros meios de solução dos problemas do presente. As digressões presentes neste capítulo sobre a *Revista*, o anticlericalismo/anarquismo e os conflitos internos e externos da Igreja Católica permitiram uma compreensão, mesmo que breve, das condições para a emergência de um discurso anticlerical. A forma como tentaram apresentar e defender tais propostas aos seus leitores é o que veremos a seguir.

2. O ataque aos “exploradores da ignorância”: estratégias discursivas da *Revista Liberal*

2.1 - Editoriais

Consideramos textos editoriais aqueles elaborados por indivíduos envolvidos com a produção do periódico, como os membros da redação, e que emitiam diretamente a opinião da *Revista Liberal*. Nem sempre é possível identificar o autor em razão do uso de pseudônimos e pela ausência de assinatura em alguns textos, mas esses elementos não atrapalham a análise, já que tais escritos certamente foram redigidos com o intuito de preencher as páginas da *Revista Liberal* e promover seus ideais. Estamos cientes de que não é possível analisar as estratégias discursivas da *Revista* de forma fragmentada, seguindo somente a linha de raciocínio de um autor em detrimento de outros que ocuparam espaço considerável. De qualquer forma, procuraremos sempre que possível indicar o autor, pois dessa forma se pode

⁷³ De acordo com Bilhão a Igreja passa a atuar nas regiões de moradia dos operários, como é o caso da “Vila Maria Zélia, estabelecida pelo empresário Jorge Street, [que] teve como professoras, até 1920, [...] as irmãs da Imaculada Conceição.”. BILHÃO, 2015, p. 147.

⁷⁴ Do qual a Confederação Católica do Trabalho (1919), de Belo Horizonte, é um exemplo.

perceber as características e preferências temáticas de cada um ao dissertar sobre os malefícios da Igreja e seus agentes. Os textos sem assinatura serão referenciados apenas como “textos editoriais” ou “editorial”.

Este subcapítulo percorrerá textos de Polydoro Santos (diretor), Mario d’Albor⁷⁵ (redator) e Pery Helio⁷⁶ (colunista/redator). Dos nomes citados apenas Polydoro Santos parece ser real, já que Mario d’Albor é tido como seu pseudônimo. De qualquer forma, notamos focos temáticos e estratégicos distintos entre os dois, pois Polydoro assinou dois textos que falavam sobre religiosidade, além de um apelo pela construção de uma escola racionalista, o qual será exposto logo a seguir, enquanto Mario d’Albor atacava diretamente a Igreja Católica, o clero e as relações entre Estado e Igreja. Desta forma cremos ser justificada a exposição de cada nome separadamente para assim respeitar o estilo e estratégia de cada um. Marques Guimarães⁷⁷ também fez parte da redação e seus textos ocuparam seções destacadas do periódico. Entretanto, esses textos tangenciaram o anticlericalismo e por isso optamos por expor outros discursos mais significativos para a presente pesquisa.

Polydoro Santos assinou diversos textos ao longo dos três anos de existência da *Revista Liberal*. Dissertou sobre a conjuntura nacional, os benefícios do ensino racionalista e o horror da guerra e do militarismo das nações, mas o que chama atenção aqui é que a Igreja e o clero não foram focos centrais de seus textos assinados. Há uma exceção. O discurso anticlerical esteve presente no seu apelo pela fundação de uma escola racionalista em Porto Alegre, onde naturalmente o militante anarquista procurava colocar a Igreja como o oposto ao seu projeto. Assim, na edição em homenagem à Ferrer de outubro de 1921, percebe-se sua

⁷⁵ João Batista Marçal afirma que Mario d’Albor é um pseudônimo de Polydoro Santos. Para mais informações ver MARÇAL, 1995, p.157-162. Daiane Marçal também caminha neste sentido. A autora afirma que os textos assinados como Mario d’Albor seriam de denúncia contra as instituições, principalmente o Estado e a Igreja, e, por isso, capazes de gerar perseguições. Em contrapartida, Polydoro assinaria com seu nome aqueles textos cuja proposta é de construção de um novo mundo, como por exemplo, os apelos pela formação de uma escola racionalista em Porto Alegre. Mais informações ver MARÇAL, 2011, p. 30. O nome Mario d’Albor consta como assinante na edição de abril de 1921, nº 02, p. 12 e como membro do grupo mantenedor na edição de agosto de 1921, nº 05, p. 14.

⁷⁶ Pery Helio se tornou o responsável pela seção chamada “Notas do Mez”, que apesar do nome caracterizava-se como uma coluna. Passou a assiná-la no nº 05, de agosto de 1921, e depois, ao que tudo indica, assinou todos os textos subsequentes desta seção (não tivemos acesso aos números 14 e 15). Não há informações sobre quem seria o indivíduo que usava este nome, que acreditamos ser um pseudônimo. Como antes a seção era assinada pelas letras A.M., convencionamos dividir a coluna entre 1ª fase (A.M.) e 2ª fase (Pery Helio).

⁷⁷ Francisco Marques Guimarães, anarquista, foi professor da *Escola Moderna* em Porto Alegre, membro da redação da *Revista Liberal* e tradutor da Editora Globo. Para mais informações ver MARÇAL, 1995, p.83-87.

preocupação com o crescimento de “collegios clericas”, interessados somente em formar “um devoto submisso e dedicado á igreja.”. Igualmente preocupante, de acordo com Polydoro Santos, é que o clero estaria atuando no ensino público tanto superior quanto primário e que

[...] sobretudo nestas [primário], os representantes do romanismo encontram mil maneiras, facilitadas pelo assentimento dos poderes publicos, de influir e levar ás consciencias jovens em formação a impostura de dogmas, sem livre exame e discussão, e que em muitos cerebros embotam para sempre as faculdades de raciocino inherentes á espécie.⁷⁸

Ao deparar-se com estas afirmações é preciso ter claro que o discurso político tem como necessidade a desconstrução constante do outro, pois só assim é capaz de afirmar a sua verdade, ou aquilo que busca constituir como verdade na arena política. Assim, de acordo com Céli Pinto, o discurso político “[...] necessita para sua sobrevivência impor a sua verdade a muitos e, ao mesmo tempo, é o que está mais ameaçado de não conseguir. [...]. É portanto, dinâmico, frágil e, facilmente, expõe sua condição provisória”⁷⁹. A ideia de “embotamento” dos cérebros em razão dos dogmas é recorrente no conjunto do periódico, e não somente nos textos assinados por Polydoro, demonstrando a necessidade constante de reafirmar tal premissa para, em contraposição, validar a proposta educacional da *Revista Liberal*.

O ensino clerical, portanto, era visto como empecilho ao desenvolvimento de um pensamento racional e este será o tom de diversos textos da *Revista Liberal*. Uma forma de gerar isso que o periódico chamava de “embrutecimento do cérebro” era o analfabetismo. Anteriormente, em texto editorial, a *Revista* havia manifestado preocupação com a adoção do ensino obrigatório no Brasil, por meio da qual, em sua opinião, o Estado buscava combater as consequências dos “males sociaes”, como o analfabetismo, sem atingir suas causas principais: deficiência das escolas, ausência de atrativos para as crianças e pobreza dos pais, gerando necessidade do trabalho desde cedo. De acordo com o editorial,

O analphabetismo é um mal que nos degrada, que nos manieta, que nos entrega amarrados ás mãos dos aventureiros politicos e dos exploradores industriaes, que

⁷⁸ Revista Liberal, nº 06, outubro de 1921, p.08. Título UMA ESCOLA RACIONALISTA EM PORTO ALEGRE. NECESSIDADE PREEMENTE.

⁷⁹ PINTO, 2006, p. 89.

nos lança no fanatismo religioso e nos obscurece a intelligencia, inferiorizando a raça.⁸⁰

A falta de instrução, portanto, era vista como um caminho rápido para o fanatismo e a exploração. Sobre a questão da presença do clero no ensino, Mario d’Albor também havia se manifestado com o artigo “COMO INFLUE O CLERO NA EDUCAÇÃO DO POVO”, de abril de 1921. Para ele,

Com a lúbia que lhes é peculiar, conseguem os romanistas penetrar em todos os departamentos da instrução publica, já influindo junto a professores catholicos, já conseguindo a adopção de livros didacticos seus e já procurando que nas escolas se comemorem as datas do calendario catholico, tudo isto com flagrante menospreso á nossa constituição politica que estabelece a liberdade de cultos e o ensino leigo.⁸¹

Ainda no mesmo texto, Mario d’Albor faz menção às professoras católicas que, influenciadas pelo clero, estimulavam, mediante a sua “autoridade moral”, a participação das crianças nas “aulas de catecismo, confissionarios e communhões”. O autor considerava isso um absurdo, pois a criança ainda não teria desenvolvido plenamente suas faculdades mentais para discernir e optar ou não por certo credo religioso, acabando por ser coagida pela autoridade da docente. De forma conclusiva, o autor afirma que

A liberdade de culto não é nem póde ser a intervenção abusiva na instrução publica desta ou daquela religião, o que equivale a coagir cerebros que ainda se estão formando a pensar desta ou daquella fôrma em relação a culto religioso, sendo isso contrario ao espirito das leis da Republica e aos principios democraticos que nos regem, conquista sagrada dos nossos maiores que nos legaram o direito de pensar livremente!⁸²

Dois anos depois, em julho de 1923, a *Revista* volta a escrever sobre o ensino racionalista, e por consequência sobre o que via como uma ação nefasta do clero, mas desta vez anunciando a fundação da Sociedade Pró-Ensino Racionalista. O texto editorial

⁸⁰ Revista Liberal, nº 05, agosto de 1921, p. 03. Título O ENSINO OBRIGATORIO.

⁸¹ Revista Liberal, nº 02, abril de 1921, p.03. Título: COMO INFLUE O CLERO NA EDUCAÇÃO DO POVO.

⁸² Revista Liberal, nº 02, abril de 1921, p.04. Título: COMO INFLUE O CLERO NA EDUCAÇÃO DO POVO.

demonstra o que foi exposto no capítulo anterior sobre a forte interação entre os anarquistas e os livre pensadores, assim como salienta que os apelos tiveram respostas, o que não

[...] poderia ser de outra fôrma, pois, não seria crível que por mais tempo os livre-pensadores, socialistas e libertarios de Porto Alegre continuassem indiferentes a uma questão de magna importancia como é a escola, pois esse indifferentismo seria descurar do futuro dos proprios filhos, lançando-os manietados nos braços dos exploradores da ignorancia transformada em instrumento de retrogradação social.⁸³

A preocupação desses grupos por temas em comum reforça a hipótese de que é bem provável que alguns militantes tenham aderido ao anarquismo em razão do livre pensamento. A pedagogia racionalista é elemento estrutural em ambas as correntes e demonstra a circulação de ideias e o esforço conjunto para sua concretização. De qualquer forma, parece que essa preocupação com a educação acompanha o que os editores compreendem ser um retrocesso geral no País, onde ocorreria um descumprimento da separação entre o Estado e a Igreja estabelecida com a instauração do regime republicano. O periódico questionava, em 1921, a interferência do clero em âmbitos que não deveriam ser de sua responsabilidade, como no caso do texto cujo título surge em forma de pergunta: “RETROGRADAMOS?”. O editorial denuncia a presença de símbolos e liturgias católicas na esfera pública e, pior ainda, com a conivência do Estado. Por isso, a ação dos católicos do Rio de Janeiro que pretendiam erigir uma estátua de Cristo (futuro Cristo Redentor) e a missa de ação de graças realizada em um navio da armada nacional, desrespeitando o credo religioso de cada indivíduo, deixavam os redatores da *Revista Liberal* inconformados. Na sequência, eles expõem o que acreditam serem os planos do clero para o Brasil:

O que pretendem os romanistas é a officialisação da sua religião. Não contentes com a complacencia de governantes que lhes permite ter uma ingerencia muito accentuada na instrucção, querem, em determinados dias, conduzir os collegiaes para a igreja, rezar missas nos quartéis, pregar sermões na praça publica, lançar a benção ao povo, tudo isso acobertados pelo escudo da lei e tendo a encampar-lhe a intoleravel audacia o pavilhão nacional.

⁸³ Revista Liberal, nº 20, julho de 1923, p.12. Título: UMA ESCOLA RACIONALISTA EM PORTO ALEGRE.

Urge, pois, que todos aquellos que não são indifferentes ao desgarramento das conquistas liberaes que são o apanagio dos nossos tempos, se unam n'uma convergência de esforços no sentido de resistir ao cerceamento da liberdade de pensar de que estamos ameaçados, retrogradando ao domínio da theologia com o seu cortejo de desmedidas intolerancias.

Tudo pela liberdade de opinião, pelo direito de cada um e pelo bem-estar de todos!⁸⁴

Mario d'Albor tinha como estratégia denunciar o que via como uma reaproximação entre a Igreja e o Estado no Brasil. Assim, seus textos faziam recurso ao respeito às liberdades garantidas pela Constituição e não mediam palavras ao criticar os governantes responsáveis pelo rompimento destas. É em razão de tais liberdades que o editorial convoca o que parece ser uma frente liberal ou anticlerical, no intuito de conjurar forças contra o que compreendiam ser um retrocesso geral. Já em fevereiro de 1923, o receio quanto à construção de uma estátua de Cristo no Corcovado mostrara ter justificativa. Na opinião de d'Albor, não bastasse a permissão das autoridades para a construção de um símbolo católico em local público, proporcionando a existência de um “santuário particular”, tal empreitada teria recebido recursos provenientes do Tesouro Nacional, ferindo a própria Constituição Federal, citada pelo autor. Nesse sentido,

Como consecuencia da annullação desse artigo garantidor da liberdade de cultos, não é muito que os deputados clericais – que são quasi todos, uma vez que o presidente da Republica o é – apresentem um projecto restabelecendo a punição da heresia e da blasphemia, da ‘congrua’ (soldo do padre), dos capellães militares, da obrigatoriedade do casamento e baptismo religiosos, abolição da liberdade de pensar, e tudo isto *ad majorem Deo gloriam...*

Estamos no declive que conduz á tyrannia theocratica que outr'ora envolveu os povos occidentaes na mais espantosa noute de fanatismo sanguinario e fatricida!

Lá chegaremos fatalmente si não reagirmos em tempo!⁸⁵

⁸⁴ Revista Liberal, nº 03, maio de 1921, p.03/04. Título: RETROGRADAMOS?

⁸⁵ Revista Liberal, nº 17, fevereiro de 1923, p. 11. Grifo no original. Título: O CLERO NO CORCOVADO. Sobre a Constituição Federal de 1891, Mario d'Albor faz referência ao art.72, § 2º e 7º.

O tom aparentemente exagerado ao falar da retomada da blasfêmia ou da heresia certamente era um modo de desconstruir o seu adversário no discurso político, mostrando o quão absurdo seriam os seus interesses, e também de chamar a atenção dos leitores evocando temores e apreensões. Mas é preciso estar ciente que aqui também podemos perceber a preocupação de d'Albor com o que poderia ocorrer em um futuro próximo caso esta ação, que ele vê como permissiva por parte do Estado continuasse acontecendo. A estratégia dos textos claramente andava no sentido de recorrer ao Estado como instância capaz de garantir os direitos individuais de cada cidadão. Compreendemos isto como uma estratégia para mobilizar os sujeitos no intuito de fazerem valer seus direitos garantidos pela Constituição Federal, em um contexto compreendido como de retrocesso. De fato, o autor já vinha manifestando opiniões neste sentido, como no artigo em que acusa os estadistas de envolverem-se com os interesses do clericalismo:

Os estadistas da Republica, desmentindo as suas convicções e desprezando as conquistas liberaes do nosso povo, inscriptas na Constituição de 24 de Fevereiro, dão o exemplo do desrespeito ao regimen democratico para se alliaem ao clericalismo absorvente e retrógrado.

Officializando a religião catholica como o fazem, [...] dão esses estadistas um golpe de morte na liberdade de consciencia, annullando o artigo 72 da Constituição da Republica, que garante a todos os cidadãos o direito de professar a religião que entenderem.

O ministro da guerra e altas autoridades do exercito, ao lado do arcebispo Sebastião Leme, assistem á *benção das espadas* dos alumnos que concluíram o curso na Escola Superior de Guerra! É lamentavelmente ridiculo que, em pleno seculo XX, as primeiras autoridades de uma democracia que teve entre os seus evangelisadores um Benjamin Constant, consintam em testemunhar a pratica medieval da 'bençã de espadas', reminiscencia dolorosa de quando estas eram postas ao serviço do papado nas sangrentas cruzadas contra os 'herejes'.⁸⁶

Assim, esperava que da “iniciativa particular surja a reação benéfica” contra o ataque à liberdade de consciência, já que as autoridades responsáveis, de acordo com o artigo, agiam

⁸⁶ Revista Liberal, nº 09, fevereiro de 1922, p.03/04. Título: REPUBLICA E PAPIISMO.

justamente na mão contrária. Mario d'Albor conclui convocando seus leitores: "Liberaes á postos!". Chama atenção a referência do texto a Benjamin Constant, um dos mais conhecidos expoentes do positivismo e do republicanismo no Brasil. O apelo ao seu nome é compreendido aqui como uma possível estratégia para sensibilizar leitores adeptos ou entusiastas do positivismo, já que esta corrente possuía uma aceitação e difusão considerável no Rio Grande do Sul. Certamente os editores não pretendiam aproximar-se politicamente dos grandes nomes do PRR, como Borges de Medeiros, mas sim de indivíduos que liam o periódico em razão de temas em comum, mas não necessariamente anarquistas.

A *Revista Liberal* foi contemporânea aos mandatos presidenciais de Epitácio Pessoa e Artur Bernardes, assim como do processo eleitoral que culminou na eleição desse último. Ambos foram incisivamente criticados por seu catolicismo e sua aproximação com a clerezia. Em janeiro de 1922 foi assim que Mario d'Albor descreveu o candidato Artur Bernardes:

Como é sabido, o dr. A. Bernardes é o candidato da cleresia brasileira á curul presidencial.

Homem de escassa cultura e, conseqüentemente, fanatico religioso, o candidato clerical transformou o palacio do governo do seu Estado, em sacristia da curia romana, prestando mão forte a todas as pretensões dos padres, frades e freiras.⁸⁷

Para fundamentar suas críticas, o autor reproduz uma carta pastoral assinada por membros do clero brasileiro:

Diz bem da intolerancia clerical a recommendação que a "pastoral collectiva", assignada por varios prelados entre os quaes o inefavel arcebispo-*literato* d. João Becker, faz ao carolismo indigena:

"Nas circumstancias actuaes, dependendo do exito das eleições politicas a escolha do bom ou máo governo do paiz o dahi o bem ou mal estar da igreja entre nós, é claro que os catholicos como membros do Estado e filhos da igreja, devem tomar parte nas eleições e pugnar com o seu voto e sua influencia pela derrota dos CANDITADOS PERVERSOS (quer dizer, que não sejam catholicos, como, por exemplo, os Srs. Borges de Medeiros, Nilo Peçanha, Assis Brazil, etc) e pelo triumpho dos "homens de bem", sinceramente catholicos, UNICOS capazes de promover a prosperidade da patria, formando com elles ligas eleitoraes."

⁸⁷ Revista Liberal, nº 08, janeiro de 1922, p. 06. Título: POLITICA CLERICAL.

Fieis a taes observações, bispos e arcebispos fazem forte propaganda eleitoral por meio de pastoraes e sermões.

Neste Estado a propaganda é feita á soccapa, em sermões aqui e alli, com publicações tendenciosas, com muito tacto e geito, como convem á pretensão arcebispal de oportunamente abiscoitar do Estado uma forte maquia para a construcção da nova cathedral...

Tambem é politica... ⁸⁸

Mais uma vez encontramos nomes de figuras destacadas da política brasileira. Neste caso mais especificamente do Rio Grande do Sul, como Borges de Medeiros (positivista) e Assis Brasil (liberal). Vale lembrar que, no contexto da publicação, ocorria a eleição onde ambos disputavam o cargo executivo máximo do Estado. No ano seguinte, 1923, as complicações deste processo eleitoral culminariam em uma guerra civil, conhecida também como Revolução de 1923. O que chama a atenção aqui é que divulgar críticas feitas aos dois nomes pela Igreja talvez fosse uma maneira de granjear mais adeptos à causa anticlerical. Mais uma vez, não se trata de buscar a adesão dos “caciques” da política institucionalizada, mas sim de leitores identificados com ideias em comum.

Ainda sobre o texto de d’Albor e a carta, a campanha política por parte dos prelados e troca de favores entre Estado e Igreja fomentavam ainda mais o receio de que a liberdade de consciência fosse eclipsada por uma conivência de políticos “carolas”. Esta angústia por parte dos editores fez das páginas da *Revista* uma tribuna contra o então candidato à presidência. De qualquer forma, é importante frisar que, por mais que Artur Bernardes e Epitácio Pessoa (chamado por vezes de Tio Pita I ou d. Pita I) fossem alvos de crítica e denúncia, a *Revista Liberal* jamais apoiou outros políticos ou candidatos opositores, de modo coerente com sua perspectiva libertária.

Os textos de Mario d’Albor não foram os únicos direcionados ao candidato Artur Bernardes. O colunista Pery Hélio, na segunda fase da seção “Notas do Mez”, vinha denunciando-o no processo eleitoral. O autor dissertava, por vezes, sobre as pretensões da Igreja Católica. Segundo ele, independente do formato político e social do Estado, a instituição religiosa sempre procuraria um jeito de intrometer-se em seus assuntos. As

⁸⁸ Revista Liberal, nº 08, janeiro de 1922, p. 06. Título: POLITICA CLERICAL. Grifo no original.

intenções da Igreja eram vistas como tão fortes e evidentes que Artur Bernardes era tido como um sujeito submisso aos ditames do clero:

UM ESTADISTA MEDIEVAL

[...]

O futuro presidente da Republica, preocupa-se em assentuar que é catholico fervoroso e que todos os seus esforços, como politico e como governo, serão para o engrandecimento do catholicismo e o maximo acatamento ás “autoridades” eclesiasticas, cujos serviços ao Brasil, “a começar pela sua descoberta” (!), colonisação, catechese, instrucção e caridade as tornam dignas de obterem dos governos tudo o que quizerem, inclusive a suppressão da liberdade de opinião, como é o caso da collocação de symbolos catholicos nas escolas e o corollario do ensino religioso.

[...]

O illustre tabaréo vae ao ponto de superpor o papa a todos os interesses do paiz, pois é o que se infere quando diz que “si o meu dever de cidadão, no posto a que me indicam, pudesse colidir com o meu dever religioso e com as imposições da minha consciencia catholica, claro é que não acceitaria a presidencia”!

Para a questão social, entre as soluções socialista e a christã, o futuro presidente não hesita: prefere a christã, quer dizer catholica, apostolica romana, que é menos christã, pois, certamente o sr. Bernardes repelle aquelle principio que diz: “comerás o pão ganho com o suor do teu rosto”, equivalente ao “quem não trabalha não come”, que é socialismo puro.

Como catholico fervoroso, o sr. Bernardes, está de accordo com todos os absurdos proclamados pelos papas: considera como a verdadeira e unica religião o catholicismo e todas as outras seitas heresias; acredita no inferno, no purgatorio, na falta adamica (o negocio da maçã) de que só o baptismo catholico livra as pobres crianças; admite a creação biblica do mundo feito em seis dias, a luz feita antes do Sol e o homem feito de barro e a mulher duma sua costelleta. Em sociologia, o sr. Bernardes basea-se em o que o mundo é um valle de lagrimas e que quanto mais nelle soffrermos mais bem aquinhoados seremos no céu.... Portanto para a carestia da vida: jejum para o povo, e liberdade só para o clero!

Com taes elementos philosophicos e sociaes teremos na curul presidencial um estadista medieval, prompto a beijar o pé papal e a executar as “sabias” encyclicas para christianisar o Brasil, até a fogo, se preciso fôr...

Vade reiro!...⁸⁹

⁸⁹ Revista Liberal, n 05, agosto de 1921, p. 12. Título: UM ESTADISTA MEDIEVAL.

A comparação de Bernardes como um “estadista medieval” faz parte de um estilo de escrita típico do discurso político, o qual busca representar o opositor de forma exagerada e como um personagem absurdamente atrasado para justamente desconstruí-lo. O autor crê que não apenas a Igreja, mas também o futuro presidente, seguiria os ditames do Vaticano, suprimindo a liberdade de culto. Interessante perceber que ele utiliza como estratégia discursiva a identificação do catolicismo como a pior entre as religiões cristãs, demonstrando que, mesmo que a *Revista Liberal* não reivindicasse o cristianismo, ela dava valor, ao menos publicamente, a certos preceitos da filosofia cristã no que dizia respeito à formação moral do indivíduo, sobretudo no tocante à valorização do trabalho. Estas afirmações também podem ser compreendidas como uma forma de tecer aproximações com membros de outras religiões que se viam igualmente preocupados com as ações do então candidato à presidência.

Pery Hélio costumava expor os dogmas da Igreja como crenças absurdas e esse recurso não ocorreu apenas no texto recém citado. Inconformado com os formandos de Medicina de Porto Alegre, em cuja colação de grau ocorrera uma missa, o autor passou a listar questões bastante semelhantes às do texto anterior e lamentou “não terem eles tirado as deduções e conclusões lógicas das sciencias que estudaram”, permitindo-se crer em dogmas obsoletos ou ainda cedendo a tais rituais em razão de uma conveniência social. De qualquer maneira, seja por qual razão a missa tenha ocorrido, o autor lamenta que no fim de tudo o “arcebispo anunciará mais um triumpho da religião sobre a sciencia... de Porto Alegre”.⁹⁰ Hélio, seguindo a temática da *Revista*, retoma o discurso da ciência como o oposto ao da religião, e parece que para ele ambos seguem caminhos inconciliáveis. Se, por um lado, a dedução, a lógica e o método científico representam a liberdade e o progresso moral e intelectual dos indivíduos, por outro, a fé e os dogmas são tidos como sinais do atraso e do fanatismo da Igreja e seus devotos.

Em razão da morte do papa Bento XV em janeiro de 1922, mais uma vez aparece na *Revista Liberal* a denúncia do Estado como subserviente aos interesses clericais. Hélio, na edição de fevereiro daquele mesmo ano, comenta sobre os soldados do exército que postaram

⁹⁰ Revista Liberal, nº 08, janeiro de 1922, p. 02. Sem título.

armas em frente às igrejas em homenagem ao líder recém-falecido. De acordo com o colunista,

[...] Aqui, os governantes catholicos apostolicos romanos, não contentes de fazerem do exercito instrumento de alguazis politicos, o collocam ainda ao serviço dos profissionaes do fanatismo e da ignorancia!

[...]

E como cada povo tem o governo que merece, é bem possivel que nas proximas eleições seja eleito Torquemada para presidir os destinos de uma republica que timbra em se tornar succursal do Vaticano...⁹¹

O autor tinha como alvos os dogmas da Igreja Católica e o rompimento da laicidade do Estado, e por isso também polemizou - da mesma forma que outros redatores da *Revista* em outras situações - com jornalistas de Porto Alegre em razão de sua omissão frente ao clero ou ainda de matérias pró-Igreja veiculadas na grande imprensa. Assim, referindo-se a uma matéria que circulara na cidade sobre um possível charlatão espírita chamado Pai Alfredo, Hélio criticou justamente essa cobertura parcial que perseguia outros cultos enquanto a Igreja Católica e seus agentes eram preservados ou ainda elogiados:

Que fazem elles, entretanto, diante destes charlatães?

Fazem-lhe barretadas, tratam-n'os como se fossem gente quasi séria e põem as paginas do jornal á disposição do seu reclamo. Publica-lhes collaborações, descreve vidas de santos com milagres risiveis com o intuito de confundir e embrutecer o leitor de apoucada cultura, faz-lhes rasgados elogios, divulga os seus appellos e subscripções com as quaes angariam dinheiro para erguer templos, bem mais sumptuosos que o do "Pae Alfredo" e d'onde fazem pregação tendente a transformar o povo em rebanho de Panurgio, docil á tosquia de tão máos pastores.

E' ou não parcial uma campanha contra a charlatanice quando se deixa de lado, e até nota referencias elogiosas, os mais audaciosos exploradores da ignorancia do povo e da qual tiram proventos para viverem á tripa forra?⁹²

⁹¹ Revista Liberal, nº 09, fevereiro de 1922, p.02. Sem título.

⁹² Revista Liberal, nº 19, maio de 1923, p. 02. Sem título.

Em 1923, no contexto de início da guerra civil no Rio Grande do Sul, a *Revista* buscou tecer críticas mais duras às ações do clero católico em tempos de calamidades e conflitos armados com o texto intitulado “A MISERIA DO POVO E A RIQUEZA CLERICAL”. O tema do editorial estava de acordo com a ilustração presente na capa do mesmo número, onde vemos uma mãe com traços de tristeza, fraqueza e pobreza doando dinheiro ao clérigo, cujo aspecto contrastante é evidente na representação imponente e adornada de vestimentas e objetos católicos⁹³. Pretensamente agindo por caridade, o texto afirma que na verdade o clero atuava no sentido de explorar o medo e o sofrimento dos devotos para retirar seu dinheiro e utilizá-lo na construção e reforma de igrejas. Isso quando não utilizavam, de acordo com o periódico, tais calamidades para acusar os “herejes” como culpados por gerar a fúria do “terrível e vingativo Deus catholico”. Entretanto, a *Revista* frisa que

Hoje, como já não é possível induzir a população fanática a lapidar herejes, o clero limita-se a aproveitar a oportunidade para envolver o povo no espesso véu das superstições mais grosseiras, levando-o ao culto de uma idolatria materialista, á pratica de uma religião inconsequente e amoral por isso que se baseia nos instintos mais inferiores do homem: o egoísmo e o medo. O medo do inferno e a ambição de gozar eternamente o paraizo!

A riqueza clerical sempre esteve na razão inversa da do povo. A miseria deste cresce com a riqueza daquelle. Póde-se avaliar da penuria de um povo pela sumptuosidade de seus templos.⁹⁴

É isso o que estaria acontecendo em Porto Alegre naquele contexto, de acordo com a sequência do texto. E pior, a “atual” crise seria em razão do “[...] funesto cataclysmo guerreiro, cujo facho incendiário fora ateado pela mão de christianismos soberanos [...]”. O texto afirma que seria justamente nessas situações de desespero e carestia que os sujeitos buscavam o amparo da Igreja em busca de uma “minoração de seus males”. E para isso concediam seus últimos recursos. O tema da riqueza e opulência do clero, e logicamente da Igreja Católica, fora frequente no período de existência do periódico. Por meio de editoriais, poemas e textos de outros autores reencontramos frequentemente essa temática. Mas no editorial agora analisado salta aos olhos a preocupação em explicar, com bases sociológicas, por que motivos seriam os trabalhadores, e não os ricos, que sustentavam a vida dos clérigos:

⁹³ Ver figura 02, p. 76.

⁹⁴ Revista Liberal, nº 17, fevereiro de 1923, p.03. Título: A MISERIA DO POVO E A RIQUEZA CLERICAL.

A sociedade é o resultado de um aglomerado de individuos que se intredendem [sic]. A sua riqueza é o produto da somma das actividades desses individuos. O capital “é trabalho accumulado”, diz Sebastião Faure. Trabalho de quem? De quem trabalha, dos trabalhadores. Ora, si os capitalistas, como quer Augusto Comte, “são detentores eventuaes do capital, que sendo social em sua origem deve ser social na sua applicação”, segue-se que o desvio de qualquer somma com fins particulares e parasitarios como o é aplicada á riqueza clerical, produzirá um desequilibro na economia social e do qual se irão resentir os productores unicos do capital: os trabalhadores.⁹⁵

Seria então na base da exploração capitalista da classe trabalhadora que os “mercadores da fé” manteriam sua riqueza e poder. Na visão do periódico, esses se constituíam como uma classe parasitária, que nada produzia para o conjunto dos trabalhadores e, na realidade, vivia à custa deles.

Junto a tantas estratégias de combate à instituição, sob formas variadas de críticas, as páginas da *Revista Liberal* também guardaram espaço para dissertar sobre os crimes da Igreja Católica. Assim, os leitores tiveram acesso a informações sobre a perseguição aos hereges e judeus, culpados em séculos passados por provocarem a “colera divina” e assim difundirem a lepra e a peste negra⁹⁶. Também encontramos informações sobre o evento conhecido como Cruzada Albigense, que, de acordo com a *Revista*, tratava-se de um “extermínio” de dissidentes cristãos orquestrado pelo Papa Inocência III⁹⁷. Nos textos de autores que não pertenciam ao grupo editorial, dos quais falaremos com mais consistência no próximo subcapítulo, encontramos também denúncias sobre os crimes que a Igreja teria cometido no passado. Foi o caso do artigo de Belén de Sárraga que questionava os feitos, muitas vezes celebrados, da civilização católica no continente americano. A autora faz um jogo de oposições entre as ações dos católicos e as dos nativos, sendo os primeiros os promotores de um “holocausto de doze milhões” de pessoas⁹⁸. Já a memória de Joanna d’Arc foi entoada

⁹⁵ Revista Liberal, nº 17, fevereiro de 1923, p.04. Título: A MISERIA DO POVO E A RIQUEZA CLERICAL.

⁹⁶ Revista Liberal, nº 08, janeiro de 1922, p.10. Título: OS CRIMES DO CATHOLICISMO.

⁹⁷ Revista Liberal, nº09, fevereiro de 1922, p.09/10. Título: OS CRIMES DA IGREJA: O EXTERMINIO DOS ALBIGENSES.

⁹⁸ Revista Liberal, nº 01, fevereiro de 1921, p.05/06. Título: A civilização catholica. Belén de Sárraga Hernández (Valladolid, 1874 - México, 1951) Livre pensadora e militante do Partido Republicano Federal Espanhol. Fundou

pelo periódico quando denunciaram pelas palavras de Pedro Osório os crimes da inquisição católica⁹⁹. Estas ações da Igreja, principalmente as relacionadas à inquisição, frequentemente foram utilizadas por diversos setores anticlericais com o intuito de denunciá-la e criticá-la. No caso da *Revista*, o tema ocupou um espaço privilegiado (com textos longos ocupando por vezes uma página ou mais).

Foi recorrente no amplo campo de críticas voltadas à Igreja Católica, a sua ação na criação de milagres, santos e objetos sagrados. Os editores viam isso como uma forma de perpetuar o fanatismo e a idolatria dos crentes, explorando sua suposta ignorância. Estes elementos estiveram presentes em textos editoriais e nos poemas, como veremos mais adiante. Tais credices eram compreendidas por eles como a “[...] base do catholicismo e do poderio do clericalismo [...]”, como afirmado no texto referente ao milagre de São Januário. O texto disserta longamente sobre o que seria este milagre e afirma saber a resposta para o “mistério” da obtenção do sangue milagroso graças às informações de um tintureiro italiano. No início e no fim do texto, o editorial polemiza com o *Correio do Povo* por veicular tais informações e arrogar-se uma “imprensa séria”¹⁰⁰.

O artigo também faz referência “ao patusco que descobriu a influencia de N. S. Aparecida na questão presidencial”. Em abril de 1923, ficamos sabendo que se tratava do padre Landell de Moura, pois o artigo daquele mês desenvolve de forma mais clara e direta as intenções do clérigo em transformar Nossa Senhora da Aparecida em padroeira do Brasil em razão de um suposto milagre na disputa presidencial entre Artur Bernardes e Nilo Peçanha. De acordo com o padre, a intervenção de Aparecida na questão política teria impedido o derramamento de sangue. Questionando as ações miraculosas da santa o texto indaga:

Porque a Aparecida do padre Landell não evitou a effusão de sangue e o desencadeamento de ódios entre irmãos do nosso Estado? Perversidade, indiferença, ou impotencia?

numerosas entidades voltadas para as mulheres e o livre pensamento. Publicou diversos artigos em jornais anticlericais.

⁹⁹ Revista Liberal, nº 03, maio de 1921, p.05. Título: JOANNA D’ARC: QUEIMADA PELA INQUISIÇÃO CATHOLICA. A *Revista* anunciou o livro *Mentiras Religiosas*, de Pedro Osório, em todos os números aqui analisado. Era possível realizar a compra de um exemplar mediante a encomenda junto à redação do periódico. Uma resenha do livro pode ser encontrada no nº 01, fevereiro de 1921, p.12.

¹⁰⁰ Revista Liberal, nº 16, outubro de 1922, p. 08/09/10. Título: O MILAGRE DE SAN GENNARO.

Responda o [ilegível] que vive da exploração da fé dos papalvos e a quem quer impingir mais uma rendosa santa milagreira! ...¹⁰¹

No começo do texto, antes do trecho aqui selecionado, consta a expressão “mais uma capellinha”. Referia-se ao culto prestado à Aparecida na igreja pela qual Landell de Moura era o responsável. Este recurso do “mais uma capellinha” ou “capellinha pra mais um” foi usado geralmente na seção “Estilhaços” e sempre relacionada ao surgimento de algum santo, milagre ou mártir a ser venerado, os quais, de acordo com a *Revista*, geravam uma renda considerável para os “profissionais do fanatismo e da ignorancia”.

Como dissemos no capítulo anterior, raros foram os textos debatendo de forma crítica a religiosidade de maneira geral, e entre esses encontramos dois redigidos e assinados pelo diretor da *Revista*. Assim começa o artigo intitulado “RELIGIÃO E IDEAL”, de Polydoro Santos, publicado em janeiro de 1922:

Em todo homem normalmente desenvolvido ha um ideal latente de perfeição e para o qual tendem seus esforços moraes.

[...] Na sua fórmula mais positiva, essa aspiração tende a se expandir, a se comunicar a outros individuos, a procurar o contacto das intelligencias e a unil-as numma comunidade de pensamento em busca de um ideal de belleza, harmonia e de bondade.¹⁰²

É pelo desenvolvimento do corpo e das faculdades do raciocínio que surgiria o ideal de perfeição, cuja intenção em um “individuo normal” seria justamente propagar a outrem o que acredita ser benéfico para o conjunto. Assim, pela natural aproximação entre aqueles que conjugam de um mesmo ideal, seria possível expandir seu “ideal em commum”. Mas Polydoro procura situar as diferenças entre o ideal e a religião: o primeiro vislumbra o futuro e o último procura olhar para o passado. Em suas palavras,

A religião é o espectro das idéas, a sombra do pensamento humano; é o passado, os ideaes atingidos, envelhecidos e relegados para almas timoratas que se arreceiam do futuro.

¹⁰¹ Revista Liberal, nº 18, abril de 1923, p.04. Título: PATUSCADA CLERICAL.

¹⁰² Revista Liberal, nº08, janeiro de 1922, p.07. Título: RELIGIÃO E IDEAL.

O ideal é o reflexo das idéas, a meta que nos chama para a frente, a ancia para o melhor, o elance [sic] para a perfeição, para o porvir.

[...]

Nas etapas da sua evolução, o homem atravessou idades em que o ideal só podia se tornar permanente com um objecto de retenção que o materializasse: fetiches, santos, imagens. Avançando, essa objectivação tornou-se puramente imaginaria, abstracta: deus, divindade, creador. Só mais tarde pode a intelligencia humana conceber um ideal que se contivesse em si mesmo. Tornando-se desnecessario o cotejo entre o bem e o mal (deus e diabo, egoismo e altruismo), o individuo pratica indifferente e continuamente o bem, sem sancção nem obrigação, porque isso corresponde-lhe a uma necessidade moral, como consequencia do seu ideal de perfectibilidade humana.¹⁰³

O artigo, destinado a Cármeo Benevenga, possui uma concepção evolucionista bastante evidente. É como se todo o indivíduo que buscasse conhecimento naturalmente desenvolveria um ideal de perfectibilidade. No que acreditava ser o “atual” estágio de evolução da humanidade, haveria a capacidade de tecer um ideal que se distanciasse das imaginações religiosas e acabasse por praticar o bem por uma necessidade moral. Percebemos no artigo uma tentativa de explicar porque era desnecessário em seu tempo a crença religiosa para a prática do bem e da fraternidade, pois aquela seria uma espécie de anacronismo em razão dos progressos no campo da intelectualidade. Chama a atenção também uma ideia de evolução dentro da própria religião, passando de um estado primitivo, idólatra, para a um mais avançado, abstrato. Polydoro parece demonstrar, por meios destas reflexões, a forte influência que Auguste Comte tinha sobre a cultura intelectual da época, pois estas noções de estágios evolutivos estão de acordo com a Lei dos Três Estados formuladas pelo pensador francês, que seriam o fetichista, o metafísico e o positivo¹⁰⁴.

Mas se, em janeiro de 1922, Polydoro busca expor sua opinião sobre a religião de forma comedida, um ano e meio depois, em julho de 1923¹⁰⁵, o militante anarquista tece linhas mais duras sobre o malefício da religião. E desta vez também direciona suas críticas ao cristianismo de forma bastante clara e direta. De qualquer forma, a defesa dos ideais de

¹⁰³ Revista Liberal, nº 08, janeiro de 1922, p.07/08. Título: RELIGIÃO E IDEAL.

¹⁰⁴ Para mais informações ver COMTE, 1973.

¹⁰⁵ O artigo é assinado com a data de maio de 1923, mas foi publicado na edição de julho do mesmo ano.

bondade e fraternidade seguem presentes, mas as circunstâncias da guerra civil no Estado possivelmente motivaram uma linha crítica mais forte de sua parte.

Não por acaso a religiosidade, de forma bastante genérica, é mencionada quando o autor condena a 1ª guerra mundial, na qual, segundo o autor, os religiosos “prepararam a conflagração mundial, imenso lodaçal em que se consumiram, numa lucta feracissima treze milhões de vidas”. Polydoro ainda questiona: “onde ficaram os sentimentos de fraternidade, os appellos á bondade, os principios de respeito humano, cujos preceitos formam o arcabouço de todas as religiões e a sua razão de ser como o clássico ‘freio dos instinctos.’”. Já o cristianismo, que em todas as suas formas é tido pelo autor como um “calvário de sofrimentos indiziveis”, teria também jogado a humanidade no meio desse morticínio. A guerra por sua vez comprovaria “[...] a fallencia da religião, do dogma, da crença que não raciocina e por isso é religião, é fanatismo, é ignorancia, é crime e morte.”¹⁰⁶. Sempre é preciso ter em mente que o autor convivia em um meio predominantemente cristão e católico e isso justifica uma menção direta ao cristianismo ao longo do artigo. Quando ele se refere à “religião” é difícil saber se estava estabelecendo algum tipo de associação direta com o cristianismo ou se realmente condenava a religiosidade de uma forma mais ampla, mas parece que a segunda opção é a mais provável em razão do que propôs logo na sequência das condenações da guerra:

E deante desse fracasso da religião, dessa bancarrota da fé, devemos descrer da evolução humana e lançarmo-nos nos braços dum scepticismo emfermiço? Devemos cruzar os braços e deixarmo-nos vogar ao sabor da corrente?

Não! mil vezes não! Deixemos em paz os deuses envoltos na poeira do passado e voltemo-nos para os homens. No nosso cerebro continúa a arder a scentelha do ideal que nos impelle para cima, para o alto, para a perfeição - aneio supremo - jamais attingida.

[...]

Que todos os recursos da sciencias e das artes; a industria, a poesia, a medicina; todos os ramos da actividade sejam postos ao serviço da re-educação dos povos e esses povos constituirão uma nova ethica social e uma moral collectiva que abrirão novos e dilatados horizontes aos olhos perscrutadores das novas gerações.

¹⁰⁶ Revista Liberal, nº 20, julho de 1923, p.08. Título: PELA FRATERNIDADE!

Só pela razão, pelo seu desenvolvimento gradativo e difuso na humanidade, poderemos nos aproximar, cada vez mais, dessa fraternidade que todas as religiões nos prometeram e nenhuma ainda nos deu. Racionalismo : Fraternidade. ¹⁰⁷

Esquecer os deuses e pensar nos homens, lutar pela fraternidade prometida por todas as religiões, mas nunca alcançada. Estas afirmações indicam uma descrença total em relação à religião e levam a supor que Polydoro defendia o ateísmo, apesar de não ser possível ter total certeza quanto a isso. Ao menos ele parece andar de acordo com o que propõe o texto de Verucci, quando esse fala que por vezes o anticlericalismo é confundido com o ateísmo. Certamente se tratam de questões diferentes, mas por vezes se confundem em razão do tema.

O artigo aqui examinado é um caso único na totalidade do periódico, pois em nenhum outro momento a religião é questionada de forma tão clara e incisiva. Enquanto em outras situações os textos tinham como estratégias opor cristianismo e catolicismo, associar a Igreja Católica à disseminação de uma ideologia perniciosa ou ainda convocar os liberais na luta contra a interferência da Igreja em assuntos de Estado, aqui vemos um artigo de confrontação direta à religiosidade. Creio que isso indica que a *Revista Liberal* era um periódico que utilizava diversos recursos e estratégias para atacar um de seus inimigos principais, a Igreja Católica, tecendo esta instituição como alvo de diversos intelectuais e militantes, livre pensadores ou não. Apesar da opinião do diretor em matéria de religião, parece que o fundamental seria a luta pelo fim da Igreja Católica (ou ao menos de boa parte de seu poder), deixando a esfera da religiosidade e da crença como âmbitos da vida privada e da individualidade de cada um, respeitando a liberdade de consciência e culto.

2.2 - Colaboradores locais e autores selecionados

Neste subcapítulo encontraremos textos dos colaboradores locais da *Revista* como Calioistro¹⁰⁸ e Ignotus¹⁰⁹. Por sua frequência nas páginas do periódico, eles merecem algumas

¹⁰⁷ Revista Liberal, nº 20, julho de 1923, p.08/09. Título: PELA FRATERNIDADE!

considerações sobre o que escreviam. Além deles, o órgão esteve repleto de textos selecionados pelos editores. Estes eram extraídos de livros e outros periódicos, e tinham como função colaborar com o objetivo da *Revista Liberal* de ser um veículo de formação intelectual. São muitos e variados os autores utilizados pelo periódico. Abarcando os temas gerais da *Revista* encontramos expoentes do anarquismo mundial, como Malatesta e Kropotkin, mas igualmente republicanos como Ruy Barbosa, livres pensadores como Belén de Sárraga, escritores como Eça de Queirós e Victor Hugo, e espíritas como Vianna de Carvalho¹¹⁰. Certamente a lista de autores presentes na *Revista Liberal* é muito maior e demonstra justamente a preocupação em proporcionar ao leitor uma gama variada de intelectuais reconhecidos pelas suas ideias e ações. Mesmo que não fossem anarquistas estes autores conferiam prestígio, pela sua notoriedade, à causa anticlerical.

Calioistro teve a maioria de seus textos publicado no ano de 1922 e certamente é uma figura bastante curiosa em razão do que escrevia. Quando não opinava sobre as diversas utilidades do bicarbonato de sódio e do ovo, ou quando não publicava os “Mandamentos Hygienicos”, o autor listava rapidamente a vida de diversos sujeitos ao longo da História. De acordo com o colaborador,

Foram de grande desventura para a humanidade os papas, reis e imperadores portadores do numero 2. Esses tres typos coroados ensanguentaram a Terra e

¹⁰⁸ Assinava R.C, Rapha Calioistro, R. Calioistro, por vezes seguido de “compilador”. Seu nome consta em diversos números como membro do grupo mantenedor do periódico ou como contribuinte na lista da redação. “Cagliostro” é o pseudônimo do italiano Giuseppe Giovanni Battista Vincenzo Pietro Antonio Matteo Balsamo (1743 - 1795). Indivíduo controverso e tido como “charlatão”, é conhecido por envolver-se com alquimia, ocultismo e ter pertencido à corte real de Luís XVI. Entretanto, por envolver-se em escândalos que incluíam a própria rainha Maria Antonieta, foi preso na Bastilha e posteriormente expulso da França. “Cagliostro” também é um dos nomes adotados por “Joseph Balsamo”, personagem principal de livro homônimo do escritor Alexandre Dumas. O personagem Joseph Balsamo, ou “Cagliostro”, é um entusiasta dos ideais iluministas, maçom e opositor da monarquia francesa. Provavelmente o “Calioistro” da *Revista Liberal* era leitor de Alexandre Dumas, que por sua vez inspirou-se no “Cagliostro” original para a montagem de seu personagem.

¹⁰⁹ Na edição nº 10, de março de 1922, p. 14, o periódico afirma que no próximo número os leitores terão acesso ao texto do “colaborador” que utiliza o “pseudônimo” Ignotus. Em outra circunstância, na seção onde os editores teciam contato com os leitores, sabemos que Ignotus buscava angariar novas assinaturas para a *Revista Liberal* em Montenegro. Não há como saber se estava temporariamente nesta cidade ou se era morador daquele município. Ver nº 06, p. 16, de outubro de 1921.

¹¹⁰ Manuel Vianna de Carvalho (1874 - 1926). Militar e espírita brasileiro. Destacou-se como divulgador da doutrina espírita pelo país. No ano de 1896, em Porto Alegre, formou um grupo de estudos sobre o espiritismo.

retardaram a marcha do progresso humano com as suas tyrannias; porém os seus reinados foram tragicamente interrompidos.¹¹¹

Assim, ao longo de cinco números¹¹², Calioistro expôs o infortúnio de diversos sujeitos. Dentro desse levantamento histórico o seu anticlericalismo fica mais evidente ao opinar sobre a figura do papa, na primeira vez em que a seção do número dois aparece em janeiro de 1922. O papa, como sucessor do “meigo pescador de Nazareth”, viveria em completa opulência e riqueza, teria um “palácio de 11 mil quartos”, um rendimento anual enorme e diversas joias, o que, de acordo com Calioistro, “não impede que o papa com um caradurismo revoltante continue a pedir esmola dizendo-se ‘pobre’”. Conclui sua opinião sobre o representante maior do Vaticano de forma fulminante: “A figura sinistra do papa, em todos os tempos, marcha de mão dada com os tyrannos e os mais tenebrosos bandidos que têm flagellado os povos.”¹¹³

Ignotus escreveu principalmente sobre o papel da mulher no âmbito da Igreja Católica. Na edição de maio de 1921 encontramos uma “pergunta embaraçante” feita por um leitor: qual o motivo que impediria a mulher católica de praticar o sacerdócio? Os editores, pelo alegado desconhecimento de tais motivos, convidaram os demais leitores do periódico para que respondessem a esse “misterio religioso”¹¹⁴. Dois números depois, em agosto de 1921, surge a “resposta desopilante”, assinada por Ignotus.

Para ele, em primeiro lugar, era necessário ter em mente que seria justamente o “carolismo fingido ou verdadeiro” da mulher que dava “vida ao clero catholico”. Mas em contrapartida, de acordo com Ignotus, a forma como a Igreja via a mulher seria pior do que a ideia que se podia ter da “companheira do cão”. Ela seria vista apenas como um animal, “escrava submissa” e “instrumento do gozo carnal”. Para o autor, os padres não faziam nada além de levar adiante as escrituras de seus livros sagrados, seja do velho como do novo testamento, razão pela qual encontramos no artigo também uma série de citações creditadas

¹¹¹ Revista Liberal, nº08, janeiro de 1922, p. 13. Título: PAPAS, REIS E IMPERADORES E O FATIDICO Nº 2.

¹¹² Os demais são: nº 09, fevereiro de 1922, p. 07; nº10, março de 1922, p. 08; nº 11/12, maio de 1922, p. 14; nº 13, junho de 1922, p. 09/10.

¹¹³ Revista Liberal, nº08, janeiro de 1922, p. 13. Título: PAPAS, REIS E IMPERADORES E O FATIDICO Nº 2.

¹¹⁴ Revista Liberal, nº 03, maio de 1921, p.12.

aos nomes de Santo Agostinho, São Cipriano, papa Xisto V ou ainda ao Eclesiastes, tratando da mulher de forma pejorativa. Assim, buscando dar uma resposta conclusiva para a pergunta, afirma que “[...] a mulher não pode exercer o sacerdócio e dizer missa porque a igreja catholica e o seu clero a considera como um ente vil, desprezível, sem impunidade e até mesmo prejudicial ao homem.”¹¹⁵.

Em outubro de 1921, o colaborador aparece novamente com uma sequência à resposta que vinha formulando. O formato segue o mesmo do texto anterior, onde buscava comprovar por meio de citações de personagens diversos a forma como a Igreja via historicamente a mulher. O que chama a atenção é a denúncia que faz da obra de Afonso de Ligório¹¹⁶ chamada *Theologia Moralis*, na qual, de acordo com Ignotus, o arcebispo católico, canonizado e considerado um dos doutores da Igreja Católica

[...] aconselha a mulher a ser falsa e infiel ao seu marido; [...]; ensina as moças a abortarem; dá aos padres a norma das perguntas immoralissimas e cynicas que elles devem fazer ás mulheres e meninas no confissionario, e diz que ninguem deve dar credito á mulher que accusar o padre de havel-a tentado no confissionario.¹¹⁷

É de forma escandalizada que Ignotus denunciava o que entendia como imoralidades praticadas pela Igreja e seu clero contra a mulher. Ele escreveria ainda duas vezes sobre a questão da mulher e a Igreja nos textos “O padre e a mulher”¹¹⁸ e “A MULHER E O CONFISSIONARIO”¹¹⁹. De modo geral, ela é representada por Ignotus como ingênua e inocente, e, portanto, suscetível às devassidões e corrupções dos padres hipócritas, imorais e lascivos.

Elemento constante no discurso anticlerical da *Revista*, a ciência esteve presente, entre outros momentos, nas palavras de Maurício Alcina, que elaborou um jogo de oposições entre o que ela e a religião defenderiam, como no caso da origem do mundo. Entre os onze tópicos

¹¹⁵ Revista Liberal, nº 05, agosto de 1921, p.08. Título: A UMA PERGUNTA EMBARAÇANTE UMA RESPOSTA DESOPILANTE.

¹¹⁶ Afonso Maria de Ligório (1696 - 1787). Arcebispo que se destacou como pensador da doutrina católica. Foi beatificado em 1816 pelo Papa Pio VII e canonizado em 1839 pelo Papa Gregório XVI.

¹¹⁷ Revista Liberal, nº 06, outubro de 1921, p. 12. Título: A uma pergunta embaraçante, Uma resposta desopilante.

¹¹⁸ Revista Liberal, nº 08, janeiro de 1922, p. 14. Título: O padre e a mulher.

¹¹⁹ Revista Liberal, nº 09, fevereiro de 1922, p. 06. Título: A MULHER E O CONFISSIONARIO.

que o autor elenca, destacamos aqui a natureza do homem, a moral do ser humano e a morte. A teoria evolucionista, segundo ele, seria a explicação científica para a origem da humanidade, enquanto a religião apontaria para Adão (barro) e Eva (costela do homem) como o ponto de partida. Quanto à morte, para a ciência este seria o ponto final “da vida physiologica e intellectual” e a alma, enquanto “conjuncto das actividades cerebraes”, deixaria de existir. Já a religião acreditaria que a alma era uma “essencia divina” e por isso sobreviveria à “morte corporal”, tendo como destino o céu ou o inferno. Essas questões desencadeiam o pensamento sobre como deveria ser a atitude dos indivíduos na vida presente. A religião, de acordo com o texto, não daria importância alguma a esse elemento, pois a fonte de preocupação seria a “vida futura, real e eterna”. Para Alcina, a ciência advogaria a busca pelo gozo da vida presente já que a vida futura não passava de um “sonho de fanaticos ou iludidos”. No que se refere à moral humana, a resignação às misérias e dores do mundo terreno seria o necessário para merecer “a gloria do céu”, mas para a ciência a moral deveria consistir em uma “energica e constante opposição ao mal para attenuar os soffrimentos da vida”¹²⁰.

A *Revista Liberal*, como vimos, concedeu espaço para que os leitores contribuíssem com artigos, críticas e dúvidas. Foi por essa atitude aberta que Ignotus apareceu e se constituiu como um colaborador frequente até meados de 1922. Mas cabe aqui mencionar a colaboração de um leitor do periódico chamado Euphrasio Cunha. Seu nome aparece apenas uma vez nas páginas do órgão operário, em julho de 1921, quando propõe aos redatores cuidado para não confundir o catolicismo com o cristianismo. Considerando que entre os objetivos da *Revista Liberal* estariam a “critica tenaz a acção catholica” e “pugnar pela liberdade do pensamento”, Euphrasio solicita que distinguíssem os dogmas católicos dos preceitos do cristianismo, já que esse, se interpretado “á luz da razão esclarecida”, seria a “propria philosophia”. Na prática católica não existiria, de acordo com Cunha, nenhum princípio cristão propagado pelo “sereno Rabino”, mas apenas em seu nome e “[...] é justamente *em nome* do Christo, sua victima, que esses phariseus modernos offuscam a verdade, propagam o erro e locupletam-se da ignorancia popular.”. Para o colaborador, portanto, o cristianismo tinha como horizonte “[...] unificar todos os povos, sob uma sociedade sã e humanitaria, [e] Jesus instituia, tacitamente, o puro socialismo, isento de

¹²⁰ Revista Liberal, nº 03, maio de 1921, p.07. Título: CONFRONTOS.

paixões, capaz de agasalhar em seu seio todos os degredados da sorte, todos os sedentos de justiça pelo amor do bem.”¹²¹. Interessante nos escritos deste colaborador é que, mais uma vez, ocorre uma acusação voltada para a Igreja Católica como instituição, delegando a questão da religiosidade para o foro privado, algo recorrente em todo o conjunto da *Revista Liberal*. As associações entre cristianismo e socialismo são indicativas das tendências ideológicas dos leitores, como também do tipo de colaborações consideradas benéficas por parte dos redatores.

Em março de 1923, falecia em Petrópolis o político, diplomata e escritor Ruy Barbosa de Oliveira. No mês seguinte, a *Revista Liberal* publicou mais um número e reservou algumas páginas para render homenagens ao tradutor do famoso livro *O papa e o concílio* de Johann Dollinger. Talvez mais famoso que o livro seja a própria introdução feita pelo tradutor, cujo número de páginas passava de duzentos e cinquenta. Certamente é em razão do falecimento que os editores falam de Ruy Barbosa de forma mais incisiva. Mas a preocupação em tecer um posicionamento sobre ele se dá pelo significado que o intelectual e político tivera na formação do Brasil republicano, com um envolvimento direto no projeto de separação entre Igreja e Estado, sendo também um dos maiores expoentes da intelectualidade brasileira e do livre pensamento. Por parte dos editores, o fato de marcarem um posicionamento enaltecendo suas virtudes e definindo onde possuíam discordâncias pode ser compreendido como uma forma de legitimar ou conferir autoridade intelectual ao próprio periódico, demonstrando sua capacidade argumentativa e conhecimento a respeito da literatura anticlerical. Nas palavras do periódico:

Das diversas phases por que passou Ruy Barbosa certamente essa seria [livre pensamento] a que mais saudades lhe accordaria na alma por ter sido a de uma fecunda mocidade e quando, livre de convencionalismos, razões de Estado ou de familia, elle podia ser sincero e dizer toda a verdade transbordante do cerebro, incandescendo-lhe o pensamento de radiosas claridades.¹²²

Portanto, a *Revista* procurou deixar claro qual fase de Ruy Barbosa admirava, e não foi apenas no trecho citado há pouco. Em outra ocasião, quando do anúncio da estante de

¹²¹ Revista Liberal, nº04, julho de 1921, p.09. Título: Diferenciémos...

¹²² Revista Liberal, nº 18, abril de 1923, p.05. Título: RUY BARBOSA E O LIVRE PENSAMENTO.

literatura social na edição de agosto de 1921, os editores listaram os livros disponíveis para empréstimo, do qual *O papa e o concílio* detêm “trad. e prefácio de Ruy Barbosa, quando livre-pensador”¹²³. Provavelmente uma das razões para essa distinção entre qual Ruy Barbosa os editores admiravam dava-se pela crença do estadista na democracia representativa, suas disputas eleitorais e principalmente seu “retorno à fé católica com o discurso do Colégio Anchieta”¹²⁴, como afirma Ricardo Luiz de Souza. Ruy Barbosa nunca fora ateu, mas se opunha à Igreja Católica pós-Concílio de Trento e principalmente ao Concílio do Vaticano I que instituiu a infalibilidade papal para assuntos de fé e moral. Foi principalmente por este mesmo motivo que Dollinger escrevera o livro. De acordo com a *Revista*, Ruy seria adepto de um “christianismo em sua pureza tolstoiana” e credita ao político essa frase: “o christianismo, romanisando-se transformou-se num elemento deletério, cuja fermentação gasta e decompõe a sociedade”¹²⁵.

A extensa introdução redigida por Ruy Barbosa toca em assuntos que permeiam os processos internos da Igreja Católica. Nela definições e opiniões sobre o galicanismo, o jansenismo, o regalismo, o ultramontanismo são frequentes. Dentre tantos assuntos, o jesuitismo também se fez presente, apesar de não ser possível propor aqui uma explicação mais clara sobre o pensamento de Ruy Barbosa a respeito do tema. De qualquer forma, é significativo que dentre tantas páginas e assuntos os editores da *Revista Liberal* tenham selecionado justamente um trecho que versava sobre os jesuítas. De acordo com Souza, o antijesuitismo foi um “elemento de grande importância e considerável longevidade no anticlericalismo brasileiro”¹²⁶. Donos de grandes propriedades fundiárias e promotores das missões, os jesuítas envolveram-se em constantes conflitos com os demais proprietários de terras no período colonial e acabaram por serem vistos como expressões da riqueza e opulência da Igreja. O antijesuitismo perpassou o século XIX e ainda encontrava morada entre os críticos da Igreja no contexto da *Revista Liberal*. Para além da riqueza, os jesuítas constantemente eram associados a ações conspiratórias e interferências nas questões de Estado. A Companhia de Jesus, como era característico das ordens religiosas, detinha sua própria hierarquia e regra interna, gerando incômodo mesmo dentre os católicos.

¹²³ *Revista Liberal*, nº 05, agosto de 1921, p.14.

¹²⁴ SOUZA, 2005, p. 180.

¹²⁵ *Revista Liberal*, nº 18, abril de 1923, p. 05. Título: RUY BARBOSA E O LIVRE PENSAMENTO.

¹²⁶ SOUZA, 2005, p. 180.

Voltando ao trecho selecionado, a questão primordial do texto é a influência negativa, de acordo com Ruy Barbosa, que a presença jesuítica gerava no seio das famílias, principalmente sobre as crianças e as mulheres. O título, de autoria dos editores, dá o tom do conteúdo: “A INFLUENCIA JESUITICA NA FAMILIA”.

A casa, triste, perdeu a sua Providencia. Decae, empobrece, desmancha-se. A mãe de familia christã já não é mais: trocou-se na penitente, rígida, desapegada dos amores da terra, abysmada em tribulações asceticas, insaciavel de mysticismo, fria entre as caricias do consorte e da prole, com os olhos para o outro mundo e o pensamento mais nos jejuns, nas litanias, no rosario, no mes mariano, do que no [sic] educação dos filhos e no affecto conjugal.

A confiança, privilegio necessario do esposo, vínculo essencial da alliança das duas almas, repartiu-se com o confessor, ou empregou-se toda nelle. A par da autoridade marital ou paterna, hombro a hombro com ella, instaurou-se o tribunal da penitencia. Assumiu a si voto deliberativo, que cedo ou tarde, no governo domestico lhe conquistará o de qualidade.¹²⁷

Percebe-se aqui um dos mecanismos do discurso mítico do complô jesuítico analisado por Girardet, no qual se acusa a organização pretensamente conspiradora de manipulação e principalmente de destruição dos costumes e valores morais no seio das famílias. Este tipo de recurso foi utilizado por diversos setores, com opiniões bastante distintas, assim como aquele referente ao que se entendia por “corrupção dos costumes”. Na perspectiva de Ruy Barbosa, é justamente no âmbito familiar que o jesuíta passaria a interferir na relação conjugal pela figura do “confessor”, o qual parece ter uma relação com a figura do inquisidor que dissemina o sentimento de culpa e a penitência. Como aponta Girardet, ao descrever esse suposto complô:

[...] resta pôr em prática uma última estratégia, de múltiplas combinações e que todos os homens do Complô aprenderam a manejar: a da corrupção, do aviltamento dos costumes, da desagregação sistemática das tradições sociais e dos valores morais. [...]. Quanto aos costumes da sociedade adulta, é com “a Mulher” que se vai contar essencialmente, parece, para rematar sua deslocação. Habilmente colocada a serviço da Organização, não menos habilmente levada para os braços dos poderosos

¹²⁷ Revista Liberal, nº 18, abril de 1923, p. 06. Título: A INFLUENCIA JESUITICA NA FAMILIA.

deste mundo, é a ela que caberá a tarefa de destruir os lares, de dilacerar as famílias. Também dela é o trabalho de conduzi-los à ruína por seus caprichos, suas fantasias e suas exigências.¹²⁸

Mas é preciso ter claro que o uso de tais recursos no discurso de Ruy Barbosa, e da *Revista* de modo mais amplo, não significa que ambos acreditavam que ocorria no Brasil uma conspiração jesuítica diabólica e magistralmente organizada em seus ínfimos detalhes. Acreditava-se sim que a Companhia de Jesus era uma organização permeada de segredos, de uma hierarquia altamente centralizada e rígida, e que tinha fins políticos e materiais bastante claros. É preciso compreender que no discurso anticlerical da *Revista*, bem como no do estadista republicano, a questão jesuítica é apenas um dentre tantos outros elementos tidos como nefastos da parte da instituição católica, e que sim, quando tratavam especialmente dos jesuítas, a estrutura do discurso do complô se apresentava de modo bastante claro. Reforça esta ideia a informação prestada por Souza de que no projeto de separação entre Estado e Igreja, Ruy Barbosa inseriu um parágrafo que proibia a entrada da Companhia em território nacional¹²⁹.

O escritor português Eça de Queirós também esteve presente nas páginas da *Revista*, mesmo que poucas vezes. Em uma delas, encontramos a reprodução parcial de um artigo publicado originalmente em abril de 1872 no jornal *As Farpas*. Posteriormente, estes artigos foram publicados no livro *Uma campanha alegre*, cuja primeira edição remonta ao biênio 1890-91 e divide-se em dois volumes. O artigo em questão é o XXV, do segundo volume. Tratava de questões envolvendo a clerezia da cidade de Porto e a crítica voltava-se principalmente para a figura do padre e o clero, assim como para a condição dos fiéis. O trecho selecionado pelos editores da *Revista Liberal* deixa isso bastante evidente:

O beato, a beata, na religião, não respeitam a divindade, respeitam o sacerdote. Não prestam culto a Deus, prestam culto ao padre. Para os espiritos embrutecidos, taes como os fórma a devoção fanatica, Deus é alguma cousa de incomprehensivel, de vago, de perdido no fundo dos céos; pelo contrario, o sacerdote é o sempre presente e o sempre visivel. É o padre que os confessa, os communga, os pinitencia, os guia.

¹²⁸ GIRARDET, 1987, p.40 e 41.

¹²⁹ SOUZA, 2005, p. 180.

De sorte que, lentamente, todo o poder, toda a sabedoria, toda a santidade, a atribuem ao padre.

Deus está num indefinido mysterio, na profundade [sic] dos firmamentos: o padre está ali, na sua rua, ao pé da sua casa, sempre prompto, e torna-se assim um Deus ao alcance dos sentidos e ao contacto das mãos.¹³⁰

Chama atenção a forma como Eça de Queirós representa o beato. Desprovido de conhecimento e dos próprios fundamentos da religião católica, acaba por prestar louvor à figura da autoridade, àquele que está presente no seu dia a dia de forma material e visível. O autor chega ao extremo de colocar, ironicamente, o padre, por sua vez, como uma espécie de divindade frente ao devoto. Certamente a seleção deste trecho por parte dos editores servia como reforço à ideia que defendiam de uma distância entre a religiosidade e a clerezia católica, onde a última nada tinha de relação com a espiritualidade de cada indivíduo. Estas reflexões parecem de acordo com o que Antonio Augusto Nery afirma sobre o anticlericalismo de Antero de Quental:

O Concílio de Trento e o posterior papel da Igreja são consideradas, ao nosso ver, o que Quental defende como culminante para a decadência de Portugal. Era necessário, portanto, fazer a distinção clara entre o Cristianismo e o Catolicismo, entre o que era sentimento e o que era instituição, qual vivia da inspiração e qual vivia do dogma e da disciplina, desta forma, qual era o real sentido da religião.¹³¹

Do concílio citado no trecho origina-se a Companhia de Jesus e a Inquisição, elementos constantes no discurso anticlerical da *Revista*. O autor compreende que o pensamento do poeta português serve como uma espécie de síntese das ideias que circulavam entre os intelectuais da Geração de 70. Eça de Queirós fez parte deste movimento que envolvia um conjunto de intelectuais influenciados pelas ideias iluministas e preocupados com o que entendiam ser um atraso cultural, social e político português. O marco deste

¹³⁰ Revista Liberal, nº 18, abril de 1923, p.09.

¹³¹ NERY, 2005, p.16. Para informações sobre o anticlericalismo português antes e durante a Geração de 70, ver capítulo 01 desta obra. Sobre a temática religiosa nas obras de Eça de Queirós ver capítulos 2 e 3 do mesmo trabalho. Ver também NERY, 2010. Tese de doutorado do mesmo autor que versa sobre a figura do diabo nas obras do romancista português.

movimento pode ser encontrado na chamada Questão Coimbrã, na qual Quental defende o Realismo em oposição ao Romantismo, pregado por seu professor na universidade portuguesa. Não cabe aqui alongar-se em informações sobre este movimento português, mas é necessário frisar dois pontos importantes: primeiro, que no diagnóstico feito por esses intelectuais sobre o atraso de Portugal a Igreja Católica detinha um papel fundamental e, portanto, o anticlericalismo é elemento constante em seus escritos; segundo, os editores da *Revista* tinham contato considerável com as obras desses intelectuais portugueses, pois encontramos textos de Eça de Queirós, Antero de Quental (poemas/citações) e Guerra Junqueiro (poemas) nas suas páginas.

2.3 - Notas, anedotas e citações

Como dito anteriormente, os editores procuravam ocupar todos os espaços possíveis das páginas do periódico aqui analisado. Este preenchimento não se dava somente em razão de um capricho daqueles indivíduos, mas era uma forma de expor o máximo possível suas ideias, argumentações, denúncias e propostas. As citações, por exemplo, podem ser vistas como uma forma de apresentar argumentos de autoridade, validando ou reafirmando as posições tomadas pela *Revista*. Nem sempre o conteúdo da citação condiz com o artigo que ela acompanha na mesma página, mas sempre envolve de alguma forma as temáticas gerais tratadas pelo periódico.

As citações são diversas, assim como seus autores. Encontramos na *Revista Liberal* palavras, por exemplo, de Arthur Schopenhauer, Saldanha Marinho¹³², Teixeira Mendes¹³³, Neno Vasco¹³⁴, José do Patrocínio, entre outros. Os editores não selecionavam apenas trechos de autores afinados com sua ideologia libertária, mas sim uma gama variada de intelectuais

¹³² Joaquim Saldanha Marinho (Olinda, 1816 - Rio de Janeiro, 1895). Jornalista e destacado político brasileiro. Maçom, fora autor de artigos em jornais da década de 1870 que tratavam sobre a Questão Religiosa. Autor de *A Igreja e o Estado* (1873-1874).

¹³³ Raimundo Teixeira Mendes (Caxias, 1855 - Rio de Janeiro, 1927). Filósofo e matemático brasileiro. Positivista, defendia a separação entre a Igreja e o Estado.

¹³⁴ Neno Vasco (1878 - 1923). Gregório Nazianzeno Moreira de Queiroz e Vasconcelos foi jornalista, escritor e militante anarco-sindicalista português. Contribuiu para o crescimento da influência libertária nos meios operários no Brasil e em Portugal.

reconhecidos por suas contribuições no plano das ideias. Nem sempre conseguimos identificar quem era o autor, mas não há dúvidas que citá-los era uma forma de conferir às palavras da *Revista Liberal* um respaldo intelectual importante. Por exemplo:

A superstição religiosa é o mais terrível flagelo do género humano: embrutece os simples, persegue os sábios, intriga as nações e por toda a parte semeia terríveis males. (De J. J. Rousseau).¹³⁵

O assunto presente nesta citação não se esgota em si mesmo, já que percorre parte dos textos reproduzidos pela *Revista Liberal*, mas citar Rousseau parece ser uma forma de conferir ainda mais notoriedade ao problema da superstição, que como temos visto foi associado ao catolicismo de forma constante nos três anos de existência do periódico. É também nesse sentido de autoridade que podemos compreender a citação a seguir:

Pode-se objectar a toda a bôa acção que nasce unicamente das convicções religiosas, que não é desinteressada, que procede do pensamento de uma recompensa ou de um castigo que se espera, enfim que não é puramente moral. (De Arthur Schopenhauer. – “Dôres do Mundo”.)¹³⁶

Nos desenhos, como veremos adiante, era comum a representação do burguês como católico e praticante da caridade. A representação estava imbuída de uma crítica à hipocrisia da classe dominante, que, a despeito da exploração que promovia ao operariado, buscava conceder alguns trocados na busca por um acerto de contas com os seus deveres religiosos. Não há como estabelecer um vínculo direto entre a citação de Schopenhauer e os desenhos, mas podemos ver que há uma seleção de argumentos direcionados à crítica da caridade, ou de outras ações pretensamente imbuídas de boas intenções, como atitudes que visavam tão somente a recompensa futura, a “conquista do céu”¹³⁷, e não algo “puramente moral”, como afirma o filósofo alemão. Dessa forma, por meio de diferentes estratégias discursivas, que iam

¹³⁵ Revista Liberal, nº11/12, maio de 1922, p.02.

¹³⁶ Revista Liberal, nº 02, abril de 1921, p.06.

¹³⁷ Revista Liberal, nº 05, agosto de 1921, p. 07. Trata-se de parte do diálogo travado entre dois “industriales catholicos” no desenho intitulada “Religião pratica”. Para mais informações sobre a caricatura ver figura 04, p.79.

do texto à imagem, a *Revista* buscava convencer seus leitores da legitimidade dos argumentos que defendia.

Referências aos jesuítas também apareceram por meio das citações, retomando a ideia de uma conspiração no Brasil:

O jesuitismo domina, infelizmente, o Brasil, de norte a sul, e é preciso que os liberaes, por todos os meios, não cessem, um só instante, de combater a sua influencia, os seus actos e os seus processos. - G. Damiani.¹³⁸

Damiani também usa o termo “liberaes”, e não libertários, para convocar os leitores a combater a influência dos jesuítas, o que reforça a ideia de que os anarquistas buscavam se aproximar dos demais setores anticlericais como estratégia de luta. O combate à pretensa influência e poder dos jesuítas não seria tarefa exclusiva de anarquistas e socialistas, mas de todos que se identificavam com os pressupostos do liberalismo político. É preciso frisar também que a ideia de conspiração jesuítica mais uma vez se faz presente na *Revista*.

Por mais que os jesuítas estivessem presentes no imaginário dos editores, as páginas da *Revista* também reservaram espaço para outros temas e estratégias como é o caso desta contraposição à Bíblia:

Bem aventurados os pobres d'espírito porque delles é o reino dos céos. - (Matheus, v3).

Bem aventurados os homens de vontade e acção, porque delles é o reino da Vida. - (De E. Zola)¹³⁹

A espera de uma redenção após a morte era vista como uma forma de dominação e exploração do crente, tido como ignorante por ser desprovido de instrução. Mais uma vez os dogmas da Igreja são contestados pela *Revista*, pois a expectativa do porvir deixaria o operário, por exemplo, alijado de sua capacidade de organização e autonomia no presente. Essa citação parece expressar, de forma subentendida, uma crítica à riqueza do clero, que

¹³⁸ Revista Liberal, nº 11/12, maio de 1922, p. 20. Luigi Damiani (1876 - 1953). Também conhecido como Gigi Damiani. Destacado militante anarquista italiano, esteve no Brasil atuando com militantes brasileiros e estrangeiros em São Paulo. Damiani contribui para diversos periódicos anarquistas brasileiros como *A Plebe*, *Guerra Social* e *a Barricada*.

¹³⁹ Revista Liberal, nº 09, fevereiro de 1922, p. 11.

desfrutava dos benefícios materiais de uma vida mantida pelas doações dos fiéis, enquanto esses labutavam e permaneciam pobres esperando uma salvação futura.

O humor é uma forma comum e eficaz de difusão de ideias e precisa ser compreendido como mais uma estratégia discursiva, presente principalmente nas anedotas e desenhos. As anedotas eram capazes de aproximar o anticlericalismo do cotidiano das pessoas ao tratar de assuntos corriqueiros como o aluno na catequese ou uma conversa sobre o papa. O fundamental no humor é pensar que a recepção por parte do leitor é diferente de outros estilos e estratégias, principalmente pela facilidade em decorar e difundir as piadas em conversas despreziosas com amigos e conhecidos. Por isso mesmo, os editores buscavam explorar este recurso.

As anedotas ocupavam pouco espaço em razão do tamanho diminuto das letras e podiam ser encontradas tanto na segunda como nas duas últimas páginas da *Revista*. Elas tratavam quase que majoritariamente de piadas envolvendo padres e certamente é aqui que o periódico, junto com algumas notícias da primeira fase do “Notas do Mez”, mais se aproximava do segundo conjunto de preocupações exposto por Riegelhaupt, ou seja, o anticlericalismo cujo objeto de crítica é o padre especificamente. Os exemplos a seguir são significativos neste sentido:

Padre e aluno:

- Seu pae é catholico?
- O meu pae é morto.
- Não. Pergunto antes d'elle morrer o que era?
- Antes, era vivo!¹⁴⁰

Um padre pergunta a um alumno que não podia compreender o mysterio da SS.

Trindade:

- Todos os da sua familia são assim burros como você?
- Todos. Ô meu irmão ainda é mais burro que eu!
- E em que se occupa elle?
- Elle é padre!¹⁴¹

¹⁴⁰ Revista Liberal, nº 13, junho de 1922, p.02.

¹⁴¹ Revista Liberal, nº 08, janeiro de 1922, p.16.

A crítica presente nestas anedotas, travestida de puro deboche, não permeia questões mais estruturais como a relação entre o Estado e a Igreja ou o poder político dessa, mas diz respeito tão somente a uma representação caricata do padre como burro e inquisidor. Entretanto, por mais que tais anedotas buscassem focar na figura do padre, a crítica estava entrelaçada a um discurso anticlerical mais amplo e não é possível desconsiderar tal questão. A anedota podia sensibilizar, quem sabe, um leitor católico incomodado com a atuação de certo padre, mas essa linha de crítica anticlerical não se consolidou na *Revista*. A exposição de outras anedotas reforça essa visão:

Elles á mesa:

- Desculpem os collegas ter eu apenas essa consoada para festejarmos a alleluia; é que os meus parochianos este ano deram muito pouco para as almas do Purgatorio...¹⁴²

Creanças terriveis:

- Padre, V. Rev. que sabe tudo, diga-me: que é bolchevique?
- Bolcheviques, meu filho, são uns vagabundos que querem viver sem trabalhar.
- Ah! então V. Rev. é bolchevique?¹⁴³

Ora, este tipo de ataque à figura do padre não pode ser compreendida tão somente como uma insatisfação ao mau comportamento de uma gama específica de clérigos, mas sim como um ataque ao que os editores entendem serem os agentes de uma instituição nefasta que vivem à custa do povo. Busca-se mostrar aqui que os padres não teriam um trabalho produtivo e assim não gerariam benefícios materiais para a coletividade. Mas se, em sua maioria, as anedotas tratavam sobre os padres, figuras mais próximas dos leitores, ao menos uma vez a regra foi transgredida e sobrou para o próprio papa tornar-se alvo de deboche:

Creanças atiladas:

- Vistes: o papa comeu só um pedacinho da ostia. Como se arrumará elle para entrar no céo?
- Engana o porteiro e entra com meia entrada!¹⁴⁴

¹⁴² Revista Liberal, nº 02, abril de 1921, p.02.

¹⁴³ Revista Liberal, nº 06, outubro de 1921, p.15.

Interessante notar como as anedotas em boa parte derivam de situações imaginadas entre uma criança e um membro do clero. Era recorrente na *Revista Liberal*, da imagem ao texto, a representação da Igreja como o velho e o passado, enquanto as crianças, “terríveis” e “atiladas”, confrontam o padre por meio de perguntas constrangedoras e assustadoramente sinceras. Percebe-se por meio da imagem da criança a expectativa que os editores tinham na educação e formação das novas gerações.

A seção de notas chamada “Estilhaços” geralmente aparecia nas últimas páginas do periódico, mas por vezes a encontramos no meio também, apesar de raro. Tinha como característica o tamanho bastante pequeno de suas letras. Se, por um lado, o texto aparecia bastante comprimido em um canto da *Revista*, levando a crer que não tinha um papel importante no conjunto dos escritos anticlericais, por outro, é preciso ter em mente que tal seção esteve presente ao longo dos três anos de existência do periódico e envolvia temas próximos da realidade dos leitores. É o caso, por exemplo, da festa de Navegantes em Porto Alegre:

A religião catholica acoroçoa assim os vicios mais detestaveis: alcoolismo e jogo, tirando dahi, proventos para o esplendor da igreja.

Accrescente-se a isso as fitas picantes e até immoraes do indefectivel cinema e ahi temos uma cultura de corrupção periodicamente injectada nas camadas populares, formando ambiente favoravel para o fanatismo, a criminalidade e a degenerescencia!

- Dip.¹⁴⁵

A crítica tem como origem a informação de que bancas de jogo de azar e de bebidas alcoólicas pagavam quantias ao vigário com o intuito de venderem seus produtos na praça ao redor da Igreja. Tal situação era o mote para críticas de teor bastante moralista e que certamente não eram raras por parte dos anarquistas e socialistas. Era comum a *Revista Liberal*, e os anarquistas em geral, representarem o burguês e o padre como sujeitos imorais e hipócritas, capazes de degradar os demais com suas atitudes. De acordo com Badaró Mattos, os libertários acreditavam “[...] que a emancipação social dos trabalhadores dependia de sua libertação moral dos vícios e das ideologias da burguesia, expressos nos jogos de azar, no

¹⁴⁴ Revista Liberal, nº 09, fevereiro de 1922, p.13.

¹⁴⁵ Revista Liberal, nº 17, fevereiro de 1923, p.16.

alcoolismo e nos festejos mundanos, como o carnaval, [...]” Também combatiam a Igreja, pois, de acordo com eles, esta promovia o “atraso cultural, a degradação moral e a subordinação intelectual dos trabalhadores.”¹⁴⁶. A crítica ao que ocorria na festa de Navegantes parece caminhar nesse sentido e esta notícia não foi a única que seguiu por tal caminho. É comum encontrar nas edições de fevereiro e março críticas ao carnaval, e, em outros números, o combate ao alcoolismo mereceu palavras do “Notas do Mez”, tanto na primeira quanto na segunda fase.

Mas o “Estilhaços” também se reportava a questões envolvendo o Vaticano e o clero. Notícias sobre o falecimento do papa Bento XV e a entronização de seu sucessor, Pio XI, receberam algumas opiniões eivadas de sarcasmo por parte de quem escrevia a seção. Certamente a comoção gerada pela morte do papa era um tema a ser explorado, pois atingia, assim como a festa do dia de Navegantes, a realidade imediata dos leitores. Tal tipo de notícia provavelmente circulou com muita intensidade na cidade e não era um assunto exclusivo dos católicos e devotos. O texto a seguir foi publicado um mês depois da entronização de Pio XI e este, assim como os cardeais, é questionado sobre suas reivindicações materiais, pois essas estariam, de acordo com a nota, em oposição aos princípios cristãos:

Ha tempos, noticiaram os telegrammas que os cardeaes haviam pedido ao papa augmento de salario. O pedido, como quasi sempre acontece a taes pedidos quando não são acompanhados de ameaça de greve, não teve solução. Agora que o papa Ratos [trocadilho com o nome de Pio XI, Ambrogio Damiano Achille Ratti], que então era um dos solicitantes, passou a patrão, é justo que se não esqueça dos ex-colegas.

E depois é preciso que se tenha em conta que os cardeaes não estão de accordo com aquella historia de que quanto mais se soffre cá na terra mais se ganha no céu!

Isto é bem de se dizer aos pobres de espirito... - Dip.¹⁴⁷

A nota busca expor de forma sarcástica a vida baseada no interesse material por parte do clero, que estaria em contradição com os próprios ensinamentos cristãos. Nada de ganhar o céu, pois o que queriam os cardeais, de acordo com o trecho, era o gozo na vida presente. Como temos visto, a ideia de um conflito entre o verdadeiro cristianismo e o catolicismo foi

¹⁴⁶ MATTOS, 2009, p.49.

¹⁴⁷ Revista Liberal, nº 10, março de 1922, p.13.

constante no periódico. No mesmo número, a *Revista* publicou outra nota do “Estilhaços” seguindo no mesmo caminho:

Não devem ser muito apreciadas por certos catholicos e especialmente pelo papa, aquellas palavras do sonhador da Galiléa: “é mais facil um camello passar pelo fundo d’uma agulha que um rico entrar no céu”.

[...]

Se o vaticinio de Christo se cumprir, Pio XI irá de cabeça ao inferno de cambulhada com muito burguez catholico...

Que os vigarios de Christo têm diferente conceito da riqueza prova-nos o facto de ser confiscado o valor de milhões de rublos em joias das igrejas russas para ser applicado pelo soviet em beneficio dos flagellados pela seca.

Quer dizer que o soviet está dando uma lição de christianismo nos christãos: fazendo que elles com suas riquezas accumuladas dêem de comer a quem tem fome... -

Lip.¹⁴⁸

Por mais que não reivindicassem o cristianismo, é preciso ter claro que esse jogo de oposição era uma estratégia para invalidar as ações da Igreja Católica, um dos oponentes principais dos editores. É partindo da desconstrução do outro que o periódico buscava estruturar suas opiniões e anseios de emancipação social. Da mesma forma, é possível pensar sobre a presença da Revolução Russa e dos bolcheviques nas críticas à Igreja: os anarquistas podiam ter opiniões discordantes sobre os rumos tomados em Moscou, mas mesmo assim esses se configuravam enquanto uma estratégia eficaz na desconstrução da Igreja como instituição pretensamente voltada aos interesses dos mais pobres e vulneráveis.

2.4 - Poemas e contos

Os poemas ocuparam um espaço privilegiado em relação aos contos, por vezes destacando-se uma página inteira para a sua transcrição. É o caso, por exemplo, de *Fantasma*, de Guerra Junqueiro¹⁴⁹. Se os poemas sobre Ferrer ou o 1º de Maio apareciam em edições especiais, em razão das datas de sua morte e do dia do trabalhador, os demais com

¹⁴⁸ Revista Liberal, nº 10, março de 1922, p. 14.

¹⁴⁹ Revista Liberal, nº 11/12, maio de 1922, p. 16.

conotações anticlericais percorreram parte considerável do conjunto da *Revista*. A presença constante de poemas evidencia que esses não eram vistos como um recurso auxiliar na construção do discurso anticlerical. Ao contrário, pela sua frequência, percebemos que detinham um papel central na estratégia do periódico aqui analisado.

Difícil saber os motivos que levaram os editores a selecionar tantos poemas, mas uma primeira hipótese a ser considerada é a própria dedicação à literatura por parte de alguns deles. Marques Guimarães, por exemplo, membro da redação, costumava escrever poemas e teve alguns de seus versos transcritos nas páginas do periódico. Em outro momento, a *Revista* informa a certo leitor que os sonetos de “seu amigo foram regeitados pelo nosso poeta”¹⁵⁰, sem informar quem esse seria, mas indicando um interesse imediato dos redatores por tal gênero literário. É possível pensar também que o uso frequente de poemas se dava pela sonoridade e a facilidade de fixação dos versos, possibilitando que seus leitores os reproduzissem por meio de conversas informais com amigos e conhecidos. Quem sabe até mesmo um analfabeto seria capaz de decorar e assimilar o discurso presente em certos poemas mesmo sem tê-los lido, apenas escutando-os. Por último, é importante considerar a possibilidade de que fosse por meio dos poemas que alguns leitores tivessem a chance de contribuir com o periódico. O fato de desconhecermos diversos nomes presentes na *Revista* abre uma dúvida que infelizmente não será possível responder com clareza no presente trabalho. Além disso, no caso de poetas famosos, como Junqueiro e Quental, também poderia derivar da vontade de querer conferir autoridade intelectual ao periódico e às ideias nele expressas, no caso o anticlericalismo.

Guerra Junqueiro parece ter sido o poeta preferido dos editores. Sua obra, *A velhice do padre eterno*, conhecida pelo seu caráter anticlerical, teve três poemas transcritos para as páginas da *Revista Liberal*. Além de *Fantasma*, já mencionado, os leitores puderam conhecer outros dois poemas de sua autoria, *Calembour* e *Resposta ao Silabus*¹⁵¹. A *Revista* procurou demonstrar que o poeta português, ao contrário do que vinha sendo afirmado, não era adepto do catolicismo. Os editores consideraram importante expor esta questão, possivelmente para manter uma coerência com o projeto do periódico e também para se associarem à autoridade

¹⁵⁰ Revista Liberal, nº 06, outubro de 1921, p. 16.

¹⁵¹ A *Revista Liberal* apresenta o poema com o título *Sillabus*, mas o nome original é *Resposta ao Sillabus*. Os versos podem ser encontrados no nº 09, fevereiro de 1922, p. 04.

do literato. Assim, reproduziram o trecho de uma matéria do jornal *Aurora*, do Rio de Janeiro, onde Junqueiro afirmava que

Dizem por ahi que eu estou catholico. A nota publicada nas minhas “Prosas Dispersas” ao artigo “Sacré Coeur” tem sido mal comprehendida... O catholicismo é grande pelo que nelle se mantém de christianismo. Sou um crente, creio em Deus. Mas não abduco do meu raciocinio. E o meu raciocinio combate os erros da Igreja, que foram muitos e graves. Não sou catholico no sentido vulgar do termo. Não pratico. Sou, porém, christão, - e sempre o fui!¹⁵²

Por mais que a *Revista Liberal* expusesse em certos momentos uma crítica à religiosidade e/ou ao cristianismo, percebemos aqui que o grande alvo era a Igreja Católica e seus malefícios, e não a religião em termos gerais necessariamente. O poema *Calembour* é significativo neste sentido:

COMPANHIA DE JESUS

Calembour

O' Jesuitas, vós sois d'um fardo tão astuto,
Tendes tal corrupção e tal velhacaria,
Que é incrível até que o filho de Maria
Não seja ainda velhaco e não seja corrupto,
Andando ha tanto tempo em tão má companhia!¹⁵³

Guerra JUNQUEIRO

Nos versos transcritos notamos a surpresa do poeta, expressa de forma irônica, em ver que Jesus, mesmo “mal acompanhado” pelos seus seguidores, não tivesse se corrompido. Há uma clara ideia de que existia um descompasso entre os preceitos de Cristo, de um lado, e a corrupta ação dos jesuítas, de outro. Percebemos aqui a permanência de uma tradição de críticas e suspeitas em relação à Companhia de Jesus já examinada anteriormente.

¹⁵² Revista Liberal, nº 11/12, maio de 1922, p. 13.

¹⁵³ Revista Liberal, nº 06, outubro de 1921, p. 13. No original chama-se apenas *Calembour*.

A crítica anticlerical não se restringia apenas à ação dos jesuítas. Em outros poemas, é a Igreja Católica que aparece como deturpadora dos valores cristãos:

AO CLERO

Esse templo que ergueis artistico e sumptuoso,
Cujo negro porvir attonita comtemplo;
Bem póde ser o Bello em que meus olhos pouso,
Mas nunca do Senhor o verdadeiro Templo.

O Templo do Senhor levanta-se radioso
No seio dos christãos de humilde e puro exemplo,
Não é de pedra e cal nem de profano goso
Que se ergue do Senhor o verdadeiro Templo.

Na pás, na luz, no amor, na simples harmonia
Dos sonhos infantis, na lágrima sincera.
Em tudo reína Deus que os nossos passos guia:
Mas nunca em vossa egreja ou nessa vã chiméra,
Onde se queima incenso á deusa Idolatria,
Onde a verdade é um mytho e onde a mentira impéra.
S. Paulo - 921. Maria Campos.¹⁵⁴

A poetisa Maria Campos afirma, em seus versos, que a suntuosidade e opulência do templo católico poderiam maravilhar os olhos dos indivíduos, mas que esse jamais seria o “verdadeiro Templo” de Deus. Ao contrário, o templo do Senhor se apresentaria dentro de cada cristão “de humilde e puro exemplo”. O poema caminha em sentido semelhante à afirmação de Junqueiro sobre cristianismo e catolicismo. Esse último teria subvertido os preceitos de Cristo, promovendo a “idolatria” e a constante “mentira”. Já aludindo a uma situação hipotética e irônica, mas com a mesmo conteúdo crítico, encontramos este poema de Olindo Guerrini, no qual Jesus se revolta com o comércio de relíquias sagradas:

Reliquia ainda não encontrada

No templo Jesus viu com desagrado

¹⁵⁴ Revista Liberal, nº 19, maio de 1923, p. 14.

Um monge de mercantes vigaristas
que, como os nossos padres e sacritas,
Vendiam breves e tudo o que é sagrado.

Arfando então de indignação o peito,
Tomou um vergalho, e distribuiu pancada
A toda aquella sucia avacalhada,
Fustigando-os á torto e á direito!

Reliquias encontrei em cada canto...
O sudario até vi quadruplicado!!!
O suor, o prepucio, o sangue, o pranto;

E por mais que haja nos templos pesquisado,
Nenhum fragmento do vergalho santo,
Padres, porque razão não hei achado?
(traduzido por Ignotos)

Olinto Guerrini
(Lourenço Steccheti)¹⁵⁵

Diante do questionamento, na mesma página, a *Revista Liberal* procura dar uma resposta:

RESPOSTA DE FRA ANGELICO

Não convêm que se invente o santo relho,
Porque vem desmentir completamente
A lenda de Jesus doce e clemente,
Applicando tão barbaro aparelho!

No dia em que o vulgo for sciente
De que todas as reliquias que vendemos
Não passam de uma farça que fazemos
A toda essa nécia e parva gente;

¹⁵⁵ Revista Liberal, nº 05, agosto de 1921, p. 10. Poema traduzido pelo colaborador Ignotus. Olinto Guerrini é o pseudônimo do poeta italiano Lorenzo Stecchetti (1845 - 1916).

Quando o povo souber, que o padre importa
Restos seccos de mumias lá do Egypto
Com o rotulo de algum santo por escripto,
Teremos que fechar a nossa porta,

E adeus p'ra sempre ao nosso bom negocio,
Porque elle se baseia justamente
Na fé ingenua que tem todo o innocente,
Desde o mais papalvo ao mais beocio.

FRA ANGELICO

Nesciópolis, capital da Beocia.¹⁵⁶

Fica clara a ideia de que inventar ou falsificar relíquias sagradas era um grande negócio e o sucesso destas ações se basearia na ingenuidade e ignorância do povo. Como complemento ao teor sarcástico do poema, o suposto autor, Fra Angelico, viria de “Nesciópolis”, capital da “Beocia”. Se não bastasse a clareza dos versos ao denunciar a ação nefasta da Igreja, cujo sucesso seria ancorado na falta de instrução e estupidez do crente, o autor do poema reforça ainda mais este ponto ao localizar a suposta “origem geográfica” de Fra Angelico. O crente seria, portanto, um néscio e beócio.

A *Revista Liberal* procurava ser um veículo de formação intelectual do operariado. Acreditava que, com o conhecimento, a ciência e a fraternidade, a compreensão dos males sociais ficaria mais clara e a evolução da humanidade cada vez palpável. A Igreja Católica, por outro lado, teria abandonado a fraternidade de Cristo e representaria o passado, a idolatria, a ignorância e a cega obediência. Seus crimes, principalmente na perseguição à evolução científica, não foram esquecidos pelos editores:

ARTES E LETRAS

Fiat Lux!

Julgava-se elevada á grande altura

¹⁵⁶ Revista Liberal, nº 05, agosto de 1921, p. 10. Guido di Pietro Trosini ou Fra Angelico (1387 - 1455) foi um pintor renascentista, beatificado pelo papa João Paulo II em 1982. Não há qualquer indício de que o poema seja de Fra Angelico, ainda mais em razão de sua proximidade com a Igreja Católica. A estratégia do poema é justamente colocar uma figura significativa do mundo católico admitindo os interesses materiais da instituição. Possivelmente os versos sejam de autoria de alguém envolvido com a *Revista Liberal*, talvez o próprio Ignotus.

Pois tinha as chaves com que abria o céu,
E punia com cynica impostura
Ao homem de sciencia como um réo.

No thorne de S. Pedro bem segura,
Homenagem á idéa não rendeu:
Mas, entre os soffrimentos da tortura,
Quiz matar a verdade em Galileu.

Cahiu, porem, pôr terra a propotencia:
E, como um astro enorme, ergue a sciencia
O seu phanal que aos seculos flammeja!

Expellindo nos ares a fumaça,
O carro do progresso veloz passa
Por entre as maldições da santa igreja!

1883

DAMASCENO VIEIRA ¹⁵⁷

Como exposto anteriormente, em alguns momentos os editores apresentavam opiniões mais incisivas contra a religião. Contudo, por mais que essas estivessem presentes, a preocupação central era com o ataque às instituições religiosas, principalmente a Igreja Católica. Assim, na edição de maio de 1922, cujo tema tratava do significado do 1º de Maio, encontramos em uma parte daquele número a reprodução de um texto acusando o clero de maior inimigo do proletariado. Ao lado deste, os editores selecionaram um poema direcionado aos crentes:

AOS CRENTES

Ir procurar num livro de orações
Fórmulas certas de adorar a Deus,
E' preferir nas suas petições
Rogos de estranhos em lugar de seus.

¹⁵⁷ Revista Liberal, nº20, julho de 1923, p.04.

Crente! - si és crente - cerra os olhos teus,
E arranca do teu peito as contricções!
As preces só se attendem lá nos ceus
Se deus as vê brotar dos corações.

Rasga o livro de missa! Despedaça
O rosario de pau, de vidro ou massa
Com que medes a tua penitencia!

Não ha livro melhor que o coração,
Nem rosario p'ra nossa contricção,
Se é ditada pela voz da consciencia.

João C. Vieira.¹⁵⁸

Parece que na lógica dos editores, se o operário não se opusesse à religião, ao menos que não considerasse a Igreja e o clero como referências, e sim sua “consciência” e seu “coração”, ou seja, sua autonomia individual. Claro que estas são as palavras do poeta e não dos editores, mas partiu deles a escolha de publicação dos versos, e podemos ver que no conjunto a *Revista Liberal* oscila quanto ao grau de crítica à religiosidade, pois mesmo que os seus produtores pudessem ter aversão à religião, defendiam publicamente a liberdade de culto e o respeito mútuo entre os credos. De acordo com tal perspectiva, um indivíduo religioso, mas que não abdicasse de seu raciocínio, como, por exemplo, o poeta Guerra Junqueiro, teria plenas condições de colaborar na busca pela emancipação social.

Os contos, por sua vez, não ocuparam papel de destaque nas páginas da *Revista*. Números e mais números passaram sem que esse gênero literário aparecesse, e no total apenas duas obras de caráter anticlerical foram localizadas. A título de demonstração, segue o conto sobre um pescador excomungado pelo vigário por não lhe vender os peixes prometidos a outrem. Excomungado e sem compradores, o pescador muda-se para a cidade ao lado, onde com o tempo conquista sua independência:

Adoentando-se o velho vigario mandou chamar a toda a pressa o pescador, para reparar a injustiça que lhe fizera, em um momento de raiva.

¹⁵⁸ Revista Liberal, nº 11/12, maio de 1922, p. 06.

Chegado o excomungado na cabeceira do doente, disse o padre: - Chamei-te para tirar de cima de ti a pena de excomunhão que te lancei injustamente; quero rehabilitar-te, mas peço primeiramente o teu perdão.

- Oh! não, senhor vigário, eu lhe peço de todo o “meu coração”, mas não me tire a pena que me deu. Deixe que eu fique excomungado, porque desde aquele dia Deus me tem ajudado muito. A sua maldição tornou-se uma verdadeira benção: - eu, minha mulher, meus filhos, todos estamos gordos, com saúde e independentes, graças a Deus. Receio muito que a sua benção desgoste a Deus e que eu venha a sofrer com isso; não queira, pois, afastar-me das graças do meu Deus.

Dizendo isso, o pescador saiu, sem mais querer ouvir o velho cura enfermo.

E continuou feliz.

Francisco Nascimento¹⁵⁹

O conto é bastante significativo por reforçar, mais uma vez, a ideia de contradição entre cristianismo e catolicismo. O pescador deixa claro: “não queira, pois, afastar-me das graças do meu Deus”. De acordo com o texto, por meio das circunstâncias geradas pela excomunhão, o pescador encontra seu próprio caminho no campo religioso e não precisa mais da intermediação do clérigo para comunicar-se com Deus ou compreender os seus desígnios. O padre mais uma vez é representado como um indivíduo egoísta, autoritário e distante dos preceitos cristãos. Em razão dessas representações, fica claro a ideia de ineficácia da “excomunhão”, cuja ameaça talvez amedrontasse alguns leitores do periódico.

2.5 - Desenhos

Os desenhos constituíram uma estratégia frequente na difusão de ideias anticlericais. Para os propósitos deste trabalho, consideramos que o discurso também é veiculado por meio de imagens e, portanto, essas, como os textos escritos, são igualmente passíveis do tipo de investigação que estamos empreendendo. Apesar de sabermos que a análise imagética necessita de aportes teóricos e metodológicos próprios, cremos ser importante mencionar alguns aspectos e mostrar alguns exemplos do uso de tal estratégia discursiva por parte da

¹⁵⁹ Revista Liberal, nº 13, junho de 1922, p. 14/15.

Revista. De acordo com Caroline Poletto, ao estudar as imagens presentes em periódicos anarquistas e anticlericais, o desenho

[...] é um forte elemento doutrinador, dotado de crítica mordaz, irônica, satírica e principalmente humorística do comportamento humano; ainda mais num contexto rodeado por analfabetos, em que muitas vezes o traçado dos caricaturistas era o único elemento do periódico que atingia esse público desprovido das habilidades da leitura e da escrita. As imagens apresentam ainda um forte poder de sedução e comoção, bem como o caráter imediato, ou seja, transmitem suas mensagens numa fração de segundos e se fixam na mente do seu observador.¹⁶⁰

Neste sentido, é possível localizar no periódico desenhos onde a imagem por si só, independente de legendas, provoca a rápida compreensão do que se quer transmitir. Por exemplo: na figura 01, reproduzida logo abaixo, os traços são tão marcantes que o “leitor” é capaz de identificar imediatamente a representação de um padre com feições grotescas e macabras.

¹⁶⁰ POLETTTO, 2015, p.04.

OS SETE PECCADOS MORTAES



Avareza, ira, soberba, gula, preguiça, inveja,
luxuria: todos sete formam... um padre!

Figura 01 - Nº 06, outubro de 1921, p. 07.

Na imagem reproduzida aqui fica difícil identificar – em razão da deterioração –, mas o chapéu utilizado pelo indivíduo indica tratar-se de um clérigo. O leitor logo percebe, ou talvez, mais precisamente sente que se trata da expressão de um posicionamento político através da crítica à figura do padre. Talvez não seja possível, apenas olhando o desenho, compreender o grau de criticidade e o tipo de anticlericalismo ali presentes. Neste caso, a

legenda serve como um auxílio para orientação e compreensão. Por ela entendemos que a imagem do padre servia de mote para criticar dogmas católicos como os sete pecados capitais, assim como as ações dos clérigos para desfrutar, ao contrário do que pregavam, dos prazeres materiais no mundo terreno. Mais uma vez a busca por “destruir” o inimigo, recurso do discurso político, é utilizado pelo periódico.

No caso da capa de fevereiro de 1923, reproduzida na figura 02, o desenho é capaz de gerar uma interpretação por parte do leitor de forma ainda mais rápida e conclusiva. Aqui sequer a legenda é necessária para a orientação, pois a forma como a mãe e a filha, de um lado, e o padre, de outro, são representados deixa bastante claro o antagonismo entre a opulência do clero e da Igreja, expressa nos diversos objetos utilizados pelo religioso, e a pobreza e angústia da devota que doa seus últimos centavos na busca pela salvação futura.

REVISTA LIBERAL

ESTUDO E CRITICA SOCIAL - LIVRE PENSAMENTO - RACIONALISMO



— Quem dá aos padres empresta a Deus!...

PORTO ALEGRE

ANNO III

FEVEREIRO
1923

R. G. SUL-Brasil

NUM. 17

Figura 02 - Nº 17, fevereiro de 1923, p.01.

Entretanto, alguns desenhos, por si só, não são capazes de expressar ideias anticlericais, como as figuras 03 e 04, mas servem de apoio aos diálogos possivelmente

criados pelos editores do periódico. Tais diálogos são fundamentais para se compreender a crítica, pois somente as imagens não indicam nada conclusivo. Podemos observar, na figura 03, a imagem de uma senhora representada com um olhar sério e fiscalizador frente a um menino que está sob o cuidado dela. Mas sem o diálogo a imagem pouco tem a nos oferecer em termos de interpretação. Todavia, o título e os diálogos conferem um contexto mais claro ao que os editores pretendiam enunciar.



Figura 03 - Nº 08, janeiro de 1922, p.10.

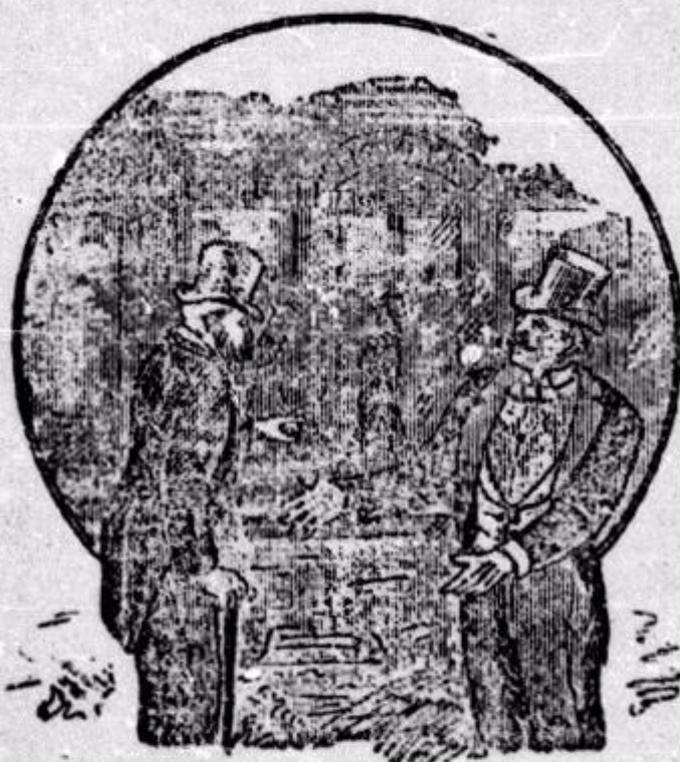
Por meio desta articulação entre imagem e texto, compreendemos que o desenho carrega um tom irônico relevante. O princípio da Santíssima Trindade é alvo de deboche ao propor algo impensável dentro da lógica matemática, confundindo o raciocínio da criança. A imagem do menino também é significativa, pois gera, por extensão, a ideia de que o clero buscava doutrinar as crianças nos ensinamentos católicos, explorando sua ingenuidade. Este

tipo de perspectiva anda de acordo com o texto assinado por Mario d'Albor, já analisado anteriormente, sobre as ações do clero na educação e o abuso da autoridade moral por parte de certas professoras católicas que estariam estimulando o catecismo no ensino público (por mais que o desenho nada indique diretamente sobre tal atitude).

Para Poletto, a ironia “não está ligada, necessariamente, à zombaria, ao descompromisso, ao descaso, a um simples jogo de palavras sem propósitos; podendo, pelo contrário, realizar uma crítica severa e bastante séria através da inversão de valores, da confusão de significados.”¹⁶¹. Esta confusão de significados está presente no desenho da taboada ao misturar o dogma com simples operações matemáticas, e isso é feito de forma intencional para despertar o riso e, na expectativa da *Revista*, a reflexão e a crítica dos leitores. Tal é o caso também da figura 04 onde encontramos dois burgueses representados por suas cartolas e fatiotas. Desta vez a confusão e inversão são feitas pela forma absurda como um deles fala de suas obrigações com a caridade e o fardo que coloca sobre os operários de sua fábrica para assim ganhar a entrada no céu. Da mesma forma que na figura 03, é a legenda que configura o discurso anticlerical e não o desenho, que por si só não indica nada além de dois homens ricos conversando.

¹⁶¹ POLETTTO, 2015, p. 06.

RELIGIÃO PRÁTICA



Entre industriaes catholicos:

— Sim, meu socio: Dei cinco contos para a cathedral, mas tambem dimiui o salario dos operarios. E' a lei da compensação... Deste modo elles é que pagam e nós passamos por benemeritos e ganharemos o céu!

— Oh! como você é intelligente! Nunca pensei que fosse tão facil a conquista do céu!...

Figura 04 - Nº 05, agosto de 1921, p. 07.

A expressão “industriaes catholicos” denota a intenção dos editores em associar a Igreja e o capitalismo como aliados na exploração dos homens, principalmente dos operários. Também aponta para a crítica à caridade, tema, como vimos, recorrente na *Revista Liberal*. Além da citação de Schopenhauer, transcrita anteriormente, podemos ver esse tema no texto assinado por Mario d’Albor. Ele discorre sobre o malefício da caridade e como essa é

estimulada pelo cristianismo. Tal atitude não proporcionaria a justiça, valor último que todos aqueles que trabalham e produzem mereceriam, de acordo com d'Albor. Assim, conforme suas palavras, a caridade é a “[...] solução christã do problema social. É a negação da justiça, e da igualdade, bases essenciaes da liberdade humana.”¹⁶². O desenho associado à legenda conteria essa mesma ideia, reforçando a reflexão proposta pelo periódico.

Enfim, neste capítulo busquei expor as diversas estratégias discursivas que o periódico adotou para levar adiante sua crítica ao clero e à Igreja. O discurso anticlerical esteve presente em todo o conjunto do periódico, o que possibilita ao historiador compreender o tipo de anticlericalismo presente entre os militantes anarquistas do periódico, ou, ao menos, parte deles.

¹⁶² Revista Liberal, nº 06, outubro de 1921, p. 06/07. Título: CARIDADE E JUSTIÇA SOCIAL.

Considerações finais

O objetivo do presente trabalho foi buscar compreender quais as estratégias discursivas utilizadas pelo periódico anarquista *Revista Liberal* para legitimar frente aos leitores suas críticas ao clero e à Igreja Católica. Fez-se necessário inicialmente situar algumas informações sobre o jornal, bem como a respeito do que compreendemos como anticlericalismo e suas interseções com o anarquismo. Do mesmo modo, buscamos situar os processos internos e externos pelo qual a Igreja passava ao longo do século XIX e início do XX, pois assim alguns elementos presentes no discurso anticlerical do periódico passam a ter mais sentido. De qualquer forma, é necessário frisar que este trabalho focou essencialmente no discurso anticlerical, portanto, a análise do periódico se demonstra parcial por não abarcar outros elementos fundamentais do seu discurso como o racionalismo, a ciência, a denúncia do capitalismo e do militarismo das nações.

Em um primeiro momento, ao debruçar-se sobre as páginas da *Revista*, o leitor pode ter a impressão de que os redatores atacavam a Igreja Católica de todas as formas possíveis, sem configurar, portanto, uma linha contínua ou coesa de argumentos. Entre tantos elementos, encontramos o que aqueles compreendiam serem os crimes da instituição em seu passado mais ou menos recente, o seu papel deletério na educação formal dos indivíduos, principalmente as crianças, os dogmas tidos como absurdos e ultrapassados, a avareza e imoralidade dos padres, os jesuítas que conspirariam a favor dos desígnios de Roma, a caridade e sua falsa intenção de justiça e a ignorância do fiel que segue as obrigações impostas pelo padre sem críticas. Todos estes elementos, contudo, se fundem em um discurso amplo e complexo, e, com um olhar atento, é possível compreender os objetivos centrais do periódico: o seu anticlericalismo caracteriza-se por um ataque fulminante à Igreja Católica, geralmente representada como traidora dos princípios de Jesus e do próprio cristianismo, e, portanto, merecedora de acabar ou, ao menos, ficar restrita ao âmbito privado.

Mesmo que Polydoro Santos por vezes criticasse a religião, e não somente a Igreja ou o clero, este não foi o elemento central nas estratégias discursivas do periódico. Pelo contrário, poucos foram os momentos, em três anos, que o diretor expôs sua opinião direta sobre a religiosidade, dando indícios de que possivelmente desacreditasse na existência de

Deus e no valor de qualquer religião. O que se fez presente nas páginas da *Revista Liberal* foi uma série de críticas que acusavam o que seus redatores compreendiam como um papel nefasto da Igreja Católica Apostólica Romana no seio da sociedade, ora tentando fazer-se presente em espaços públicos e secularizados, e conseqüentemente ferindo os preceitos de laicidade do Estado, ora apoiando e promovendo abertamente a candidatura de políticos em postos chave do governo brasileiro. É em razão de todos esses elementos que consideramos o anticlericalismo da *Revista Liberal* como antirreligioso, no sentido proposto por Riegelhaupt, ou seja, aquele que mescla a crítica do poder político/econômico à condenação da doutrina e dos dogmas da Igreja Católica. Mais uma vez, reiteramos que a antropóloga trabalha sobre o anticlericalismo voltado para a Igreja Católica e é contra esta instituição que a *Revista* centra seus ataques.

Fossem ateus ou cristãos, anarquistas ou não, os editores procuraram mobilizar todos os setores empenhados em defender as conquistas liberais presentes na Constituição de 1891, o que, por outro lado, evidencia a coerência com os ideais anarquistas, legatários de duas tradições iluministas: o socialismo e o liberalismo. Isto não significa uma crença no papel do Estado, também alvo de ataques dos anarquistas, mas uma estratégia discursiva que visava congregiar diversos setores para a luta contra o que compreendiam ser um retrocesso, principalmente das liberdades individuais. No que se refere ao liberalismo, o anarquismo visa defender a liberdade de consciência e culto, assim como a pluralidade política por meio da livre associação e organização. É neste sentido que eles evocam os valores liberais, algo bastante distinto do liberalismo econômico que apregoa o livre comércio, o trabalho assalariado e a propriedade privada.

Fonte e referências bibliográficas

Fonte

Revista Liberal. Porto Alegre, 1921-1923 (Acervo do Núcleo de Pesquisa Histórica da UFRGS).

Referências bibliográficas

BARTZ, Frederico Duarte. **Abílio de Nequete (1888-1960): os múltiplos caminhos de uma militância operária.** In: revista História Social, nº14/15, p.157-173, Campinas: 2008a.

BARTZ, Frederico Duarte. **O horizonte vermelho: o impacto da Revolução Russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920.** Dissertação de Mestrado em História, PPG-UFRGS, Porto Alegre, 2008b.

BILHÃO, Isabel Aparecida. **Pela educação lutaremos o bom combate: a instrução operária como um campo de disputas entre católicos e anarquistas na primeira república brasileira.** Porto Alegre: Revista História da Educação, v.19, n.45, Jan./abr., 2015, p.141-157.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva.** São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 07-45. (Coleção Os Pensadores).

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil.** São Paulo: Editora Ática, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas.** São Paulo. Companhia das Letras. 1987.

GONÇALVES, Adelaide. **Demolindo a sociedade burguesa: intelectuais e imprensa libertária no Ceará.** In: Revista Trajetos, num. 4, Fortaleza: UFC, 2003.

JARDIM, Jorge Luiz. **Comunicação e militância: a imprensa operária no Rio Grande do Sul (1892 - 1923).** Dissertação de Mestrado em História. PUCRS: 1990.

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) - Fontes Históricas. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MARÇAL, Daiane de Souza. **O caminho da liberdade é a própria liberdade: a Revista Liberal e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1921-1923).** TCC em História/UFRGS, Porto Alegre: 2011.

MARÇAL, João Batista; MARTINS, Marisângela. **Dicionário ilustrado da esquerda gaúcha: anarquistas, comunistas, socialistas e trabalhistas.** Porto Alegre: ed. Libretos, 2008.

MARÇAL, João Batista. **Os anarquistas no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: ed. Unidade Editorial/Porto Alegre, 1995.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil.** Ed. Expressão Popular, São Paulo: 2009.

NERY, Antonio Augusto. **Santidade e Humanidade: Aspectos da temática religiosa em obras de Eça de Queiros.** Dissertação de mestrado em Letras. Paraná. UFPR, 2005.

NERY, Antonio Augusto. **Diabos (diálogos) intermitentes: individualismo e crítica à instituição religiosa em obras de Eça de Queirós.** Tese de doutorado em Letras. USP, 2010.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon: **Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936).** Tese de doutorado pelo PPG em História da UFF, Niterói, 2009.

OLIVEIRA, Walter da Silva. **Narrativas à luz d'a "Lanterna": anticlericalismo, anarquismo e representações.** Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2008

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; LUCAS, Maria Elizabeth. **Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1937).** Ed. Universidade/UFRGS/Tchê!, Porto Alegre, 1992.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **A circulação da imprensa operária brasileira no final do século XIX e primeiras décadas do XX.** In. QUEIRÓS, César Augusto Bubolz; ARAVANIS, Evangelia (Orgs.). *Cultura operária: trabalho e resistências.* Brasília: ed. Ex Libris, 2010.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **"Que a união operária seja nossa pátria!": História das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações.** Santa Maria: Editoraufsm, Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Elementos para uma análise do discurso político.** Revista Barbarói, nº24, 2006/1, p.78-109. (revista do departamento de ciências humanas e do departamento de psicologia Unisc)

POLETTO, Caroline. **Em busca de uma trajetória do visível: desenhos anarquistas e anticlericais ao redor do mundo.** In. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis: 2015, p.01-16.

RIEGELHAUPT, Joyce Firstenberg. **O significado religioso do anticlericalismo popular.** Revista Análise Social, vol. XVIII (72-73-74), 1982-3, p. 1213-1230.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Em Busca da Terra da Promissão: a História de dois líderes socialistas.** Porto Alegre: Editora Palmarinca, 2004.

SILVA Jr, Adhemar Lourenço da. **A bipolaridade política rio-grandense e o movimento operário (188? – 1925)**. Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. XXII, n. 2, p. 05-26, dezembro de 1996.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **O anticlericalismo na cultura brasileira: da colônia à república**. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: EDUFSC, n.37, p. 175-199, abril de 2005.

WOODCOCK, George. **História das ideias e movimentos anarquistas - v.1**. Ed. L&PM, Porto Alegre: 2002.

VERUCCI, Guido. **Anticlericalismo**. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; GIANFRANCO, Pasquino (Orgs). Dicionário de política. Brasília: ed. Universidade de Brasília, 13^a ed., 2010.

VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília: ed. Universidade de Brasília, 2^a edição, 1980.